A Comunicação invade a escola!

Relatos de experiências do projeto Educomunicar

Realização
Bem TV – Educação e Comunicação

Textos
Kelly Russo
Márcia Correa e Castro

Fotografias
Dyego Rodrigues

Programação Visual
Alexandre Bortolini

Revisão
Lucas Bandeira de Melo
Olívia Bandeira de Melo

Esta publicação foi desenvolvida com recursos do prêmio do Fundo Itaú de Excelência Social (Fies), categoria “formação de professores”, conferido ao projeto Educomunicar em dezembro de 2006.

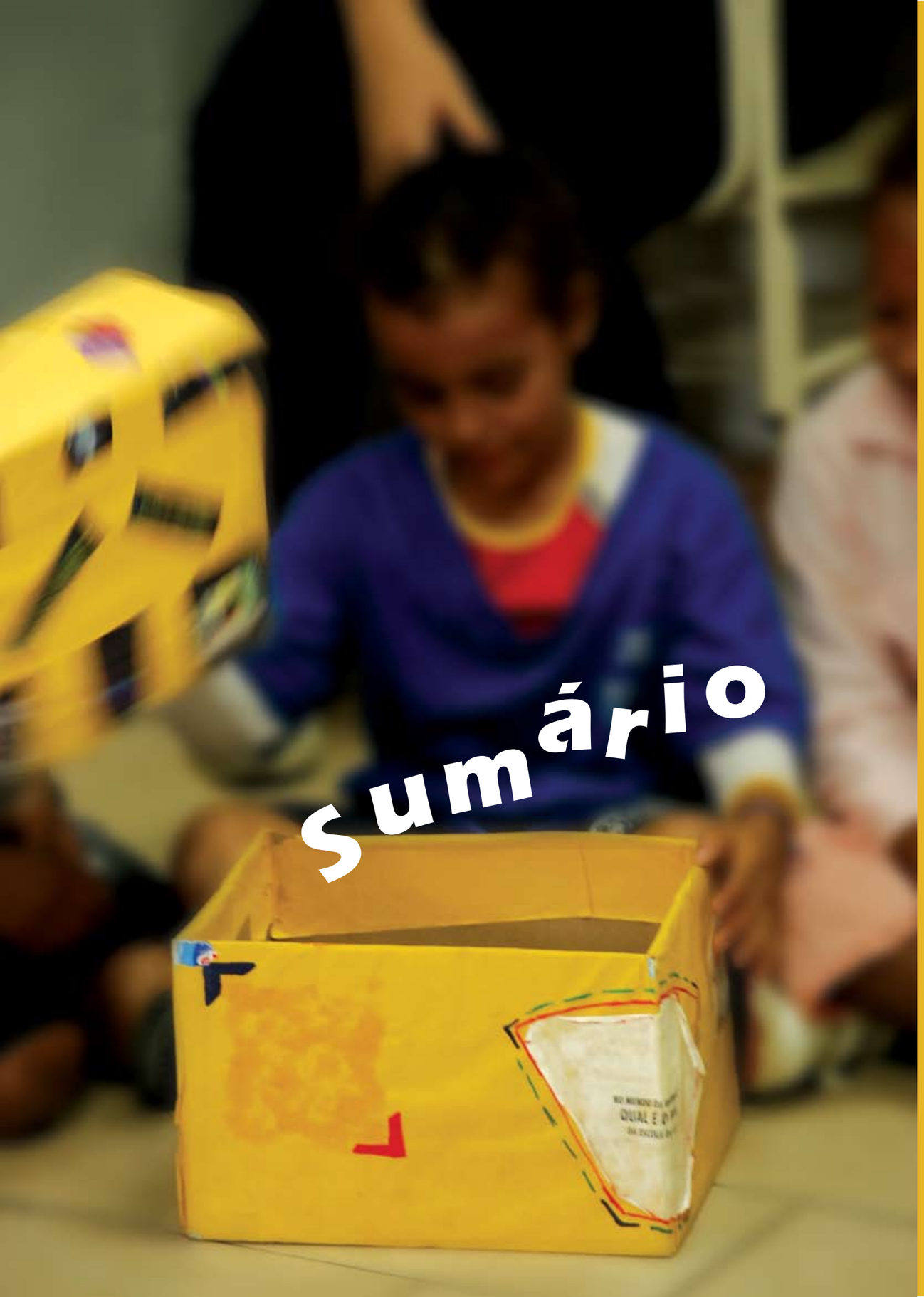
Projeto Educomunicar

Coordenação
Márcia Correa e Castro
Olívia Bandeira de Melo

Coordenação Pedagógica
Regina Bortolini

Assessoria
Kelly Russo

Agradecemos a todos os profissionais que colaboraram nas oficinas do projeto Educomunicar e na assessoria às escolas: Ana Paula Silva, Cláudia Ribeiro, Daniela Araújo, Daniel Vidal (Rádio Pop Goiaba), Dyego Rodrigues, Guttemberg Coutinho, Marcelo Valle, Marcelo Souza.



Sumário

Apresentação 7

É pra falar câmera ou ação?
Uma experiência de produção de vídeo com alunos do ensino fundamental
Escola Municipal Helena Antipoff 8

Dicas sobre fotografia 14

Com a palavra... Maria Ângela!
Uma experiência de mídia impressa no ensino fundamental
Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto 16

Dicas sobre jornal 22

Muito prazer, Preventório
Uma experiência educomunicativa
Colégio Estadual Maria Pereira das Neves 24

Dicas sobre blog e pesquisa de campo 30

Para quem tem algo a dizer e muito a transformar
Uma experiência com jornal mural e fanzine no ensino médio
Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto 32

Dicas sobre fanzine e jornal mural 38

Ciclos educativos, reagrupamentos comunicativos
Site, jornal, vídeo e rádio com alunos do ensino fundamental
Escola Municipal Professora Lúcia Maria Silveira da Rocha 40

Dicas sobre rádio 45

Juventude, vídeo e internet
Experiências com alunos do ensino fundamental e do ensino médio
Colégio Estadual Fernando Magalhães 48

Dicas sobre vídeo 52

Apresentação

Desenvolvido pela Bem TV – Educação e Comunicação, o Projeto Educomunicar iniciou suas ações em maio de 2006. A atividade central era uma oficina de capacitação de professores. O objetivo era que esses profissionais se apropriassem da comunicação como metodologia pedagógica. Com a parceria do Instituto Unibanco, foi criada uma ação-piloto em escolas da região de São Francisco, Jurujuba e Charitas, no município de Niterói, região em que a Bem TV desenvolve, desde 1999, um trabalho de formação de adolescentes na área da produção de mídia.

A primeira turma formou 26 educadores oriundos de nove escolas públicas — seis da rede estadual e três municipais. Durante cinco meses, com encontros semanais de quatro horas, os professores tiveram a oportunidade de investigar e experimentar várias linguagens: fotografia, mídia impressa, vídeo, internet e rádio. Nos dois últimos encontros, eles foram desafiados a elaborar um projeto que permitisse multiplicar em suas instituições de origem os conhecimentos construídos ao longo do processo formativo.

A intenção da Bem TV era que a oficina inicial fosse desdobrada em cada escola, pelos professores participantes, para então viabilizar o uso pedagógico da comunicação por um número maior de educadores. A multiplicação aconteceu efetivamente em sete dos nove estabelecimentos de ensino associados à iniciativa. Também foram sete as escolas que imediatamente empreenderam projetos de comunicação.

O Educomunicar deu origem a dois blogs, três jornais, dois vídeos e a uma rádio escolar, viabilizando processos de aprendizagem mais prazerosos e significativos para um conjunto de aproximadamente cinco mil estudantes do primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, além da educação de jovens e adultos. Tantos avanços resultaram na premiação do projeto, ainda em 2006, pelo Fundo Itaú de Excelência Social.

Os recursos do prêmio foram aplicados pela Bem TV na assessoria das atividades iniciadas pelas escolas participantes do projeto Educomunicar em seu primeiro ano. Vale ressaltar que essas atividades aconteceriam do mesmo jeito, ainda que a Bem TV não se fizesse mais presente. Mas a continuidade dessa assessoria foi importante para materializar para nós as possibilidades reais do projeto. Nessa publicação relatamos essa experiência de acompanhamento.

Os grandes protagonistas das atividades descritas são professores, alunos e diretores de escolas municipais e estaduais. As muitas dificuldades cotidianas não impediram esses atores de reescrever o roteiro sombrio usualmente previsto para a educação pública. Floresceram idéias, novos caminhos, surgiram soluções. É bom pensar que, de alguma forma, contribuímos. Se essas histórias puderem inspirar novas iniciativas, ainda que pontuais, nos sentiremos vitoriosos. Mas ainda guardamos a ambição de que elas tenham um alcance mais amplo. Quem sabe se, chegando às mãos de um ou mais gestores públicos, poderá impactar efetivamente as políticas educacionais. Esse é o nosso sonho.

Márcia Correa e Castro
Coordenadora Executiva da Bem TV – Educação e Comunicação

É pra falar câmera ou ação?!

Nome: Escola Municipal Helena Antipoff
Localização: Bairro de São Francisco, Niterói, RJ
Ano de fundação: 1975
Número de alunos: 340
Segmentos: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Uma experiência de produção de vídeo com alunos do ensino fundamental

Aline tem 9 anos de idade. Está no segundo ciclo do ensino fundamental. Enquanto as professoras passavam as últimas instruções aos "alunos-repórteres" e aos "alunos-entrevistados", ela tirava dúvidas com o colega Ronald – também de 9 anos –, que havia feito o papel de diretor da gravação de vídeo um pouco antes dela:

– O que é que tem que falar mesmo?

– Você olha pro câmera e diz "Câmera!", ele vai te responder "O.k.!", depois você olha pro repórter e fala "Ação!" e ele começa a gravar, entendeu?

– Tá bem, mas se eu esquecer você fala por mim?

– Tá bom, mas tem que falar alto!

Com a voz trêmula, Aline deu as coordenadas para que mais uma cena fosse gravada na Escola Municipal Helena Antipoff. Foram duas manhãs intensas, durante as quais cerca de 120 alunos do turno da manhã do ensino fundamental dividiram-se em quatro grupos para participar de uma oficina de produção audiovisual. Ao longo de duas horas e meia, eles conversaram sobre TV e cinema, discutiram diferentes formatos de vídeo e cada grupo criou o roteiro de uma história ficcional ou de uma matéria jornalística para ser registrada, também por eles, com a câmera.

O objetivo da atividade era refletir com alunos e professores sobre a função e o impacto social da linguagem audiovisual, preparando todos para a inclusão dessa tecnologia no projeto político-pedagógico da escola em 2007. O nome do projeto – "Escola, para quê e por quê?" – já define a proposta de problematizar o significado da escola para a comunidade.

A idéia de trabalhar com vídeo surgiu em uma reunião dos professores do turno da manhã com a equipe do projeto Educomunicar. Camila Avelino e Priscila Rosa, professoras dos primeiros segmentos do ensino fundamental, sugeriram a realização de um documentário que registrasse o olhar das crianças sobre a rotina escolar. O processo foi pensado para ser realizado por toda a escola, principalmente pelos alunos, ao longo de três meses. As ações obedeciam ao seguinte roteiro:

1) Reuniões entre os professores para discutir como a linguagem audiovisual poderia colaborar no desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola;
2) Definição de como cada professor abordaria os temas relacionados ao documentário e ao projeto em sua turma;
3) Elaboração de um roteiro para o vídeo que mostrasse as atividades a serem desenvolvidas com os alunos no decorrer do projeto;
4) Sensibilização das crianças por meio de oficinas de produção audiovisual ministradas pela Bem TV;
5) Gravação;
6) Edição do material gravado;
7) Apresentação do vídeo em festa de confraternização aberta à comunidade.

Educando com, para e pelos meios: discussões pedagógicas

Desde o primeiro encontro de planejamento, duas preocupações se fizeram presentes: a produção deveria acontecer paralelamente a todos os demais projetos e atividades da escola, e as crianças deveriam ser agentes em todo o processo.

- As crianças não podem ser o "objeto" de nosso vídeo, precisam participar com a gente da realização dele - alertou a professora Karen Cerdeira.

A partir desse alerta, as demais reuniões pedagógicas foram espaço para que os professores e a coordenação da escola e a equipe da Bem TV pensassem em estratégias de inserção dos alunos. Discutiram-se as diferentes formas de trabalhar com os meios de comunicação no ambiente escolar. A coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, enumerou três possibilidades.

- A educação *com* os meios prevê que vídeos, jornais ou fotos ilustrem a abordagem de um conteúdo. A educação *para* os meios forma consumidores críticos de informação. E a educação *pelos* meios propõe a produção colaborativa de mídia.

Segundo Regina, foi fácil identificar na terceira proposta aquela que melhor atendia às expectativas da equipe da E. M. Helena Antipoff. Para a coordenadora executiva da Bem TV, Márcia Correa e Castro, essa vertente representa, de fato, a maior contribuição da comunicação à educação.

- Para fazer um vídeo, você precisa pesquisar o tema a ser abordado, organizar as idéias num roteiro, conferir o que pesquisou quando grava as imagens e ainda tem um momento final de reflexão ao montar o produto. Ao longo de todo esse processo, a criança ou o jovem está aprendendo com autonomia e de forma criativa – diz Márcia.

Vendo-se no lugar do "repórter" ou do "diretor do vídeo", a criança ou o adolescente também ganha espaço para expressar o que pensa e se sente valorizado. A autovalorização também era um resultado esperado pela equipe da escola ao envolver os alunos na produção do documentário. A secretária administrativa Jussara Pacheco, há 16 anos na escola, explica:

- A maior parte de nossos alunos vive na Grota, uma comunidade muito pobre. Acho que a baixa auto-estima é uma característica muito forte dessas crianças.

O tempo no contratempo: a divisão de tarefas

Como qualquer escola, a Helena Antipoff possui um cronograma apertado. Além do currículo disciplinar obrigatório, integram o calendário escolar festas, visitas guiadas a museus, a feiras de livros e a lugares históricos. Em meio a uma rotina tão atribulada, foi necessário distribuir tarefas de forma organizada, para garantir a produção do documentário e de todas as ações que giravam em torno dele.

Para a professora Karen Cerdeira, o mais difícil foi garantir um processo realmente coletivo.

- Fazer um trabalho que envolva todo um turno da escola, com dez professoras, equipe técnico-pedagógica, sete turmas diferentes, cerca de 120 crianças, todo mundo produzir um mesmo trabalho foi um desafio. Alguns estudantes se envolvem e outros não, alguns professores compram mais a idéia, outros nem tanto - comenta Karen.

Cada professor escolheu um tema dentro do projeto político-pedagógico e o trabalhou na sala de aula com seus alunos. No desenvolvimento das atividades, foram definidas estratégias de inserção das crianças na produção do vídeo. O debate sobre a relação com os funcionários, por exemplo, resultou em entrevistas com eles feitas pelos alunos. Para a merendeira Nádia Maria, o trabalho foi muito positivo.

- Adorei participar, porque tira a vergonha das crianças, ajuda no diálogo com a gente, todo mundo se conhece melhor.

As professoras Elisabeth Tavares e Ana Patrícia Gonçalves, do segundo ano do segundo ciclo, investiram na linguagem musical para refletir com as crianças sobre o "porquê" e o "para quê" da escola. Falas dos alunos sobre esse tema foram registradas e compuseram a letra da canção "Um futuro melhor", que finaliza o vídeo. Explicando o processo, o aluno Breno Félix, de 10 anos, recebe uma salva de palmas dos colegas.

- A tia Beth deu uma palavra [escola], daí a gente foi fazendo as frases e depois a música saiu - conta o menino.

Outra turma trabalhou, utilizando maquetes e desenhos, representações da "escola real" e da "escola dos sonhos", esta com direito a piscina, quadra de esportes, máquina de "fazer pizza" e um "barco do tempo", capaz de transportar todos para o "parque dos dinossauros". No vídeo, os alunos apresentam essas produções, explicando o sentido de cada uma delas.

O resgate da história da escola e a construção de um 'mapa afetivo' – em que os alunos apresentavam os espaços que mais gostavam e aqueles que menos gostavam – foram outras atividades que, inseridas no projeto pedagógico da escola, viraram "cenas" do vídeo. A apresentação do espaço físico para as câmeras ficou a cargo de Danilo Laurentino, do segundo ano do segundo ciclo.

- Essa aqui é a foto do bondinho - explica ele para a câmera, mostrando no mural a imagem de alunos visitando o Pão de Açúcar. - Sabe quem a gente encontrou lá em cima? O Bial [repórter da Rede Globo de televisão]! Ele estava gravando lá em cima, igual a gente aqui na escola!

Oficina de vídeo: sensibilização de alunos e professoras

É comum que mesmo crianças comunicativas se intimidem frente a uma câmera. (Também acontece com os professores!) Entretanto, se a idéia era tornar os estudantes sujeitos do processo de produção do vídeo, seria necessário amenizar esse tipo de impacto. A solução foi realizar uma oficina de sensibilização, precedida por jogos e atividades de produção de texto realizadas nas salas de aula nas semanas anteriores.

Todo o esforço feito foi para desmistificar a mídia audiovisual e aproximar os estudantes dessa linguagem. Segundo estudos divulgados pelo Ibope em 2006, as crianças brasileiras passam, em média, quatro horas diárias em frente à televisão (um quarto do período útil do dia). Isso lhes dá, certamente, intimidade com os códigos da TV, do cinema e do vídeo. Entretanto, a E. M. Helena Antipoff deu a seus alunos a possibilidade de experimentar a perspectiva de produtor – e não apenas de consumidor – de mensagens audiovisuais.

- Ser capaz de fazer vídeo remete à percepção de que somos capazes de interferir na realidade - opina a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro, que participou das oficinas com alunos.

Em cada um desses dois dias de trabalho, a oficina contemplou dois grupos de estudantes durante duas horas e meia. A primeira atividade era uma dinâmica do tipo "batata quente". Uma caixa circulava entre os alunos, passando de mão em mão, enquanto uma música tocava. Quando a música parava, quem estava com a caixa deveria abri-la e retirar um envelope, onde estava a imagem que deveria ser comentada, o que gerava uma pequena discussão. (Foram selecionadas fotos de TV, DVD, imagens de personagens de desenho animado e de filmes de ficção.)

Num segundo momento, o facilitador da oficina explicava rapidamente as etapas do processo de produção audiovisual, do roteiro à edição. A seguir, os alunos elaboravam oralmente um "texto" coletivo. Alguns grupos se apoiaram na linguagem ficcional, outros se remeteram ao jornalismo. Logo eram divididas as funções (diretor, câmera, repórter, ator, produtor) e começava a gravação do "texto" elaborado.

- No final, todo mundo queria experimentar todas as funções. Foi uma grande algazarra, especialmente com as crianças menores. Mas, na hora em

que começavam as gravações o silêncio era absoluto, sem a necessidade de broncas, o que comprova o compromisso dos alunos com a atividade - conta a coordenadora da Bem TV.

O processo das oficinas – associadas à produção do vídeo – também estimulou professoras, direção e a coordenação pedagógica da escola.

- Às vezes, são tantas coisas pra resolver, tantos incêndios pra apagar que a sensação que a gente tem é que o mundo irá engolir a gente. Essa experiência com o vídeo foi uma espécie de injeção de ânimo - explica a diretora, Carla Mendes.

O aprendizado de uma nova linguagem

No terceiro mês de trabalho, foi realizada a edição do vídeo, que seria exibido na festa de confraternização do final do ano.

- Foi pouco tempo, mas todas as professoras colaboraram e fizeram as atividades para a realização do documentário dentro do planejamento de suas aulas, o que facilitou muito - explica a supervisora pedagógica do turno da manhã, Laura Negreiros.

Não foi possível envolver toda a equipe docente no processo de edição. As professoras Camila Avelino e Priscila Rosa, primeiras a pensar na idéia do documentário, ficaram responsáveis pela montagem, assumindo o compromisso de compartilhar todas as decisões com as colegas e a coordenação durante as reuniões pedagógicas semanais.

- Pensava que ia ser fácil editar, que era só seguir o roteiro que tudo estava bem, mas na verdade foi bem mais difícil. Hoje vejo que a discussão prévia, a transcrição para o papel dos minutos de imagem gravados são fundamentais para fazer a montagem. No primeiro dia, confesso, saí da ilha de edição muito frustrada, mas agora já sei que fazem parte do processo as idas e vindas, discutir as questões que surgem com a equipe da escola, pensar as diferentes formas de se contar a mesma história - diz Priscila.

A apresentação da versão final para as professoras na escola gerou um momento de muitas reflexões.

- A gente viu no vídeo problemas que a gente identifica no nosso dia-a-dia. A crítica de alunos a alguns professores, a falta de interação entre os profissionais da escola por conta da nossa correria - completa Priscila.

Karen, professora-articuladora, salienta a reflexão sobre a relação entre alunos e professores.

- Os alunos mais envolvidos com a realização do vídeo foram aqueles que menos se adaptam à sala de aula. Foi interessante ver como eles se tornaram sujeitos de todo o processo muitas vezes por falhas nossas. Não conseguimos nos organizar para ter uma professora guiando a equipe de gravação, então eles que organizaram o *tour* de apresentação da escola. Sem querer, demos espaço, e eles pegaram a nossa brecha. Foi muito bom pra gente saber que, quando têm brechas, eles aproveitam.

Da imagem em movimento para a imagem estática: a fotonovela

A experiência do turno da manhã reverberou dentro da escola. Durante as etapas finais de produção do vídeo *Escola: pra quê e por quê?*, as professoras do turno da tarde expressaram o desejo de desenvolver outros projetos de comunicação.

- Quando a supervisora da manhã me falou da experiência com o vídeo, achamos interessante multiplicar a proposta entre as professoras dos demais turnos - lembra Célia Wolf, supervisora educacional, responsável pelas turmas de educação infantil do turno da tarde e das turmas de educação para jovens e adultos no horário noturno.

Segundo ela, a escola já desenvolvera anteriormente atividades de "leitura de imagens" com os alunos, obtendo bons resultados. Em parceria com a Bem TV, teriam oportunidade de ampliar a discussão.

Em um encontro inicial, foram discutidas as possibilidades de trabalhar a partir de diversas mídias. As professoras optaram pela fotonovela. O novo projeto também deveria estar incluído na proposta pedagógica "Escola: pra quê e por quê?". A equipe do Educomunicar organizou encontros entre os professores da escola e diferentes profissionais de comunicação capazes de apoiar a idéia.

A professora de mídia-educação da Universidade Federal Fluminense Cláudia Ribeiro explicitou as etapas de produção de uma fotonovela e definiu com as professoras um plano de ação, com um cronograma de atividades contemplando a produção do roteiro (sempre em forma de diálogos), a decupagem (divisão) da história em quadros, a realização e a edição das fotos (escolha das que serão de fato usadas), a organização das seqüências, o tratamento das imagens no computador e a arte-final.

Em um segundo encontro, o fotógrafo Marcelo Valle apresentou as diferentes possibilidades de uso pedagógico da fotografia, além de oferecer informações técnicas.

Uma história em quadros

Para a realização da fotonovela, também foram definidas etapas de trabalho:

1) Discussões sobre o uso pedagógico da fotografia;
2) Divisão das tarefas entre professores e turmas de alunos;
3) Construção do texto coletivo (história contada através de diálogos);
4) Produção e seleção das fotografias;
5) Finalização e apresentação dos resultados.

De modo geral, o processo se assemelha à experiência vivenciada pelos professores que produziram o vídeo no turno da manhã. A principal diferença é que a fotonovela exigia um texto único, ao contrário do roteiro do vídeo, constituído por cenas independentes. As professoras da tarde e da noite enfrentaram, então, o desafio de construir esse texto único com as várias turmas.

A professora Karen Cerdeira – que pela manhã atua como articuladora – é responsável no turno da tarde por uma turma do segundo ano do segundo ciclo do ensino fundamental. Foi ela quem sugeriu a solução para o impasse.

- Como meus alunos são maiores e possuem mais domínio da escrita, podemos ficar responsáveis por "amarrar" as partes produzidas pelas outras turmas – sugeriu.

Idéia aceita, mãos à obra

Quando o texto da fotonovela foi concluído, professores e alunos dos turnos da tarde e da noite estavam bastante envolvidos.

- O processo foi interessante desde o início, porque trabalhamos com uma linguagem com a qual não estamos acostumados. Os alunos estão muito orgulhosos do seu trabalho - conta Leila Abreu, professora-articuladora do turno da tarde.

Os alunos e professores do turno da tarde (ensino fundamental) decidiram contar a história do encontro entre dois meninos: um tenta convencer o outro a ir para a escola, e durante a conversa são apresentados aspectos positivos e negativos da educação formal.

À noite, as turmas de jovens e adultos optaram por uma história mais emotiva. Uma professora, ex-aluna do EJA, conta sua história de vida para um casal de alunos que vivem um romance atordoado na escola.

- Diferente do turno da tarde, no qual a proposta é capitaneada pelos professores, à noite são os alunos que lideram o processo, contando apenas com o apoio dos educadores - conta a professora Viviane Lima. Célia acrescenta, com um sorriso:

- E está o maior debate se vai ter beijo ou não na história!

O projeto da fotonovela mobilizou toda a escola e sensibilizou a Secretaria Municipal de Educação (SME). Através da Coordenação de Informática Educativa, as professoras e os alunos receberam suporte para tratar as imagens, diagramar e imprimir a publicação.

- É muito significativo que esse processo seja realizado pelos caminhos naturais da rede de ensino. Garante maior autonomia para a escola e viabiliza um caminho concreto para que atividades como essas possam se repetir sempre – explica Adriana Neves, coordenadora de informática educativa da SME.

Reflexões de uma professora

Nesse início de século, o foco dos problemas educacionais sobre o fracasso escolar foi ampliado para o fracasso da instituição "escola", fato evidenciado por muitos dados estatísticos, oficiais ou não, sempre divulgados pela mídia. Esse panorama, atrelado às condições de trabalho e às políticas educacionais de nossa época, contribuem para a sensação de desânimo e impotência daqueles que protagonizam experiências escolares. Diante desse contexto, toda tentativa de romper com essa lógica deve ter como pré-requisito o envolvimento coletivo dos sujeitos participantes no processo de reconstrução da escola.

Para re-significar a escola, precisamos conhecer seu significado atual. Isso pressupõe um investimento no cotidiano, às vezes banalizado, e a percepção de que é necessário dar visibilidade ao que antes não era notado. A experiência desenvolvida em 2007 na E. M. Helena Antipoff, onde atuo como docente do primeiro ciclo de escolaridade, objetivou, por meio da produção de um vídeo, conhecer as representações de nossos alunos acerca da escola e como poderíamos construir novos sentidos para aquele espaço, tornando-o mais democrático e prazeroso para todos que convivem ali.

O processo de inserção da linguagem audiovisual no ambiente escolar foi um grande desafio. Muitos entraves foram vivenciados. Nossa primeira dificuldade dizia respeito à falta de domínio da linguagem. Para iniciarmos o processo de apropriação da linguagem audiovisual, foi fundamental o estabelecimento de parceria com instituições que pudessem contribuir.

As próximas etapas foram a distribuição de tarefas, o gerenciamento do tempo, a construção de um roteiro que contemplasse as questões levantadas. Chegamos à gravação. Um dos fatos mais relevantes desse momento foi a participação ativa dos alunos. A câmera funcionou como canal de comunicação entre alunos e professores, alterando a lógica presente no cotidiano: com a palavra, os alunos.

Após a filmagem, a edição. Essa não é uma etapa técnica. É política. Durante a edição, os cortes significam silêncios. Silêncios sobre o que não se quer escutar. Ou porque se considera o dito não apropriado no contexto ou porque nos apontam questões que ainda não conseguimos ouvir. Em ambos os casos, há conflitos. Esse, no meu entendimento, é o período mais rico na elaboração do vídeo. Suscita muitas questões e revela o quanto precisamos avançar para que a escola se torne um espaço essencialmente democrático. Na democracia, o movimento de escuta é tão importante quanto a oportunização da fala.

Por último, mas não menos importante, o vídeo não deve ser entendido como fim do processo. É a partir dele que iniciaremos o movimento de mudança. Cada vez que o assistimos, o vemos com novos olhos e o sentimos com o coração. Identificamo-nos com as imagens porque fazemos parte daquela realidade, mas refletimos sobre ela porque a enxergamos através da lente. Nesse sentido, o distanciamento promove o estranhamento indispensável e desnaturaliza o cotidiano, desestabilizando o conhecimento consolidado sobre ele e permitindo a mudança necessária.

Professora Priscila Rosa

Dicas sobre fotografia

Atividades

Pinhole

O *pinhole* é um processo alternativo de fotografia usando câmeras artesanais. O nome *pinhole* pode ser traduzido como “buraco de agulha”, já que a câmera possui um pequeno furo no lugar da lente. É uma possibilidade para os estudantes fotografarem na falta de equipamentos. Também viabiliza a discussão de conceitos de física, química, matemática, entre outros. É fácil fazer uma câmera *pinhole*. Você vai precisar de uma lata com tampa (de leite em pó, por exemplo).

- Pinte o interior da lata (inclusive a tampa) com tinta preta fosca.
- Com uma agulha, faça um buraco em uma das laterais da lata. Se não for possível, faça um buraco maior, cole sobre ele um pedaço de papel alumínio e neste faça o furo de agulha. Quanto menor o furo, maior a definição das imagens. Coloque um pedaço de cartolina preta ou de fita isolante sobre o furo pelo lado de fora da câmera.

- Num local totalmente escuro, coloque uma folha de papel fotográfico na parede interna da câmera, centralizando-o diante do orifício. Se preciso, cole com fita crepe. A seguir, tampe a lata. Certifique-se de colocar o papel na lata com a face sensível voltada para o furo.
- Na hora de fotografar, retire a fita isolante ou o papel cartão da frente do furo, apontando a lata para a cena a registrar. Nesse momento, a câmera deve estar sobre uma base firme, evitando uma imagem tremida. Deixe o furo destampado por cerca de sete segundos. Pratique várias vezes alternando para mais ou para menos o tempo de exposição para chegar a um resultado satisfatório.

- Para revelar as fotos, você pode improvisar um laboratório. O banheiro é um ótimo local. Você precisará de três bacias para produtos químicos: revelador, interruptor e fixador. É possível comprar esses produtos em casas especializadas em fotografia. Prepare-os conforme as instruções da embalagem. Coloque uma lâmpada vermelha e vede todas as entradas de luz do “laboratório”. Só então abra a lata *pinhole*. Coloque a folha de papel usada na bacia do revelador por mais ou menos 1 minuto e meio (a imagem vai “aparecer”). Mergulhe então no interruptor por 30 segundos e a seguir no fixador por pelo menos 5 minutos. Lave a foto com água corrente e deixe secar.
- As fotos da câmera *pinhole* saem em negativo. Para fazer as cópias em positivo coloque a foto negativa face a face com um papel fotográfico virgem do mesmo tamanho. (Faça isso num local sem entrada de luz, com lâmpada vermelha.) Sobre as fotos coloque uma lâmina de vidro. Depois exponha esse “sanduíche” a uma lâmpada leitosa de 60W a uma distância de 1 metro e meio.

Fotonovela

- Construa a história – Comece elaborando o enredo. A seguir detalhe os personagens. Defina o tipo de linguagem que cada um utiliza. Por fim, traduza a história em diálogos. Pode haver pequenas frases de introdução ou passagem como “Algum tempo depois...”, “No dia seguinte...”.
- Traduzindo em imagens – Nessa etapa, o grupo identifica quantas imagens vão compor a fotonovela e o que cada personagem diz em cada quadro. Evite prever falas grandes demais no mesmo quadro, pois o espaço não é grande. Nessa etapa também deverão ser pensados os enquadramentos: o que vai ser mostrado de perto, o que vai aparecer de longe. Desenhe um rascunho da fotonovela.
- Mãos à obra – Identifique atores, figurinos, objetos de cena e os locais onde as cenas serão fotografadas, que deverão ser bem iluminados. Seguindo o roteiro de imagens previamente elaborado, fotografe as cenas.
- Edição das imagens – É prudente que uma mesma cena seja fotografada várias vezes. Nessa fase, você escolhe as melhores imagens.
- Organização das seqüências – Se usar uma câmera digital, poderá fazer isso num computador com um programa de edição de textos. (Um software de diagramação é ainda melhor.) Caso contrário, revele as fotos e organize as seqüências (na ordem da história) sobre folhas de papel (A4, A3, etc.).
- Aplicação das “falas” – Os “balõezinhos” com as falas podem ser inseridos no computador em programas de diagramação. Caso isso não seja possível, desenhe os balões em papel branco, escreva os textos neles e os cole sobre as fotos. (Se preferir, faça fotocópias coloridas das fotos e sobre elas cole os “balões”.) Lembre-se de fazer os balões em tamanho proporcional às fotos impressas.
- Reprodução – Fotocopie a “matriz” da fotonovela em preto-e-branco ou em cores. Se houver possibilidade, encaminhe para a impressão.
- Reutilização – O processo de produção de uma fotonovela possibilita o desenvolvimento de várias competências. Mas, depois de pronta, ela pode ser reutilizada pela turma que a produziu ou por outras. A leitura dramatizada do texto é uma idéia. Os alunos-leitores também podem ser desafiados a traduzir o enredo para outras linguagens: história em quadrinhos, prosa, poesia, teatro, etc.

Para saber mais...

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

JOHNSON, Neil. *National Geografhic Guia Kids de Fotografia*. São Paulo: Ed. Abril.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª ed. revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

Pin Hole: Manual prático on line. www.eba.ufmg.br/cfalieri.

Escola Municipal Helena Antipoff

Contatos: Carla Mendes (diretora), Karen Cerdeira, Priscila Rosa
Telefone: (21) 3602-4171 ou (21) 3602-4172
Av. Rui Barbosa, 388, São Francisco, Niterói
E-mail: sh_antipoff@educacao.niteroi.rj.gov.br

Com a palavra...
Maria Ângela!

Uma experiência de mídia impressa no ensino fundamental

Nome: Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto
Localização: Bairro de São Francisco, Niterói, RJ
Ano de fundação: 2004
Número de alunos: 450
Segmentos: Educação infantil e dois primeiros ciclos do ensino fundamental

O prédio da Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto é a antiga sede de um colégio particular. Pequeno, mas cuidadosamente decorado, localiza-se no bairro de São Francisco. Os alunos, em sua maioria, são filhos de empregados domésticos, garis, marceneiros e outros trabalhadores que prestam serviços às famílias de classe média-alta residentes na região.

- Queremos ampliar as oportunidades de escolha das crianças e suas perspectivas de futuro - explica a coordenadora pedagógica da escola Luciana Khun, que em 2006 participou – ao lado de outras duas professoras da mesma instituição – da oficina de comunicação e educação do projeto Educomunicar, promovido pela Bem TV. Estimuladas a pensar em uma atividade de desdobramento da oficina para o conjunto da escola, elas propuseram a criação de um jornal, todo produzido em parceria com os estudantes.

O primeiro número da publicação intitulada *Com a Palavra... Maria Ângela!* foi distribuído em novembro de 2006, durante a festa de fim do ano, que reuniu professores, funcionários, estudantes e suas famílias, na praia de São Francisco. Para chegar ao produto final, toda a escola foi envolvida em uma série de atividades. Alunos visitaram a redação de jornais, conheceram o Museu da Imprensa de Niterói, fizeram a análise comparativa de periódicos em sala de aula, entrevistaram donos de bancas de jornal. Tudo isso ajudou os estudantes a refletir sobre o papel social e a linguagem da mídia impressa. A produção dos textos, por sua vez, esteve a serviço do cotidiano letivo. Cada professor avaliou como o conteúdo sob sua responsabilidade poderia ser trabalhado para resultar em matérias para o jornal. Assim, a turma que estudava o clima ficou com a seção de previsão do tempo. Quem tinha excursão prevista no bimestre fez sua matéria sobre o passeio já programado. Os alunos da educação infantil publicaram textos coletivos produzidos em sala.

Como tudo começou

As duas últimas aulas da oficina de capacitação de professores do Educomunicar eram destinadas à produção de projetos de multiplicação dos conhecimentos adquiridos pelos professores em suas escolas de origem.

- Nesses encontros, os professores de cada escola se agrupavam e recebiam a "missão" de pensar um projeto, identificando objetivos, dificuldades e facilidades. Orientamos que eles poderiam realizar oficinas para os outros docentes da escola, ou poderiam implantar projetos de comunicação, o que permitiria à escola se apropriar dos conteúdos na prática - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro.

Na E. M. Maria Ângela Moreira Pinto, a idéia de criar um jornal já existia.

- A oficina nos deu a oportunidade de concretizar esse desejo antigo - comenta a coordenadora pedagógica da escola, Luciana Khun.

Duas semanas depois da última aula da oficina, a Bem TV promoveu um "seminário de pactuação", reunindo os professores, seus diretores e gestores das redes municipal e estadual de ensino. Nesse evento, o grupo da Maria Ângela teve a oportunidade de negociar a impressão de seu jornal diretamente com o secretário municipal de Educação.

- Aí, não tivemos problemas. Conseguimos garantir uma tiragem alta no formato que queríamos - ressalta a professora de informática Alessandra Dias, que também participou da oficina.

O passo seguinte foi apresentar a proposta do jornal para o conjunto de profissionais da E. M. Maria Ângela, numa reunião que contou com a participação da jornalista Olívia Bandeira de Melo, membro da coordenação do projeto Educomunicar.

- Meu papel foi descrever de forma sistematizada o processo de produção de um jornal, desde a reunião de pauta até a distribuição, ressaltando o potencial pedagógico de cada uma das etapas - afirmou Olívia.

A partir dessa exposição inicial, a equipe da escola dividiu tarefas e planejou o cronograma de trabalho. Mas o processo não foi isento de conflitos.

- Quando a gente apresentou a idéia para os outros professores, a proposta foi bem recebida, mas começaram a surgir indagações: "Como é que a gente vai fazer um jornal só para a escola toda?", "Vai ser um tema único ou cada um vai trabalhar um tema?", "Como é que a educação infantil vai participar?" - lembra a coordenadora pedagógica, Luciana Khun.

Segundo a professora Alessandra, algumas pessoas pensaram em desistir no meio do caminho. Já era outubro e alguns profissionais duvidavam que houvesse tempo para implantar um novo projeto pedagógico tão próximo do fim do ano.

- Na rotina escolar, quando chega o final do ano e todo mundo está muito enrolado, é um tal de deixar pro ano que vem... Mas a gente não desanimou - explica Alessandra.

Ficou decidido que cada professora voltaria à sala de aula para escolher junto aos alunos o tema e o conteúdo da matéria que cada turma produziria. No encontro seguinte, com o retorno dado pelos alunos, seria decidida a pauta do jornal.

- O processo foi erro e acerto, erro e acerto. A gente ia experimentando, discutindo... Uma turma tentava fazer uma coisa, mas não dava certo. Tentava outra possibilidade e assim por diante - descreve a professora Alessandra.

Para Olívia, mais do que natural, essa aparente irregularidade é uma das riquezas do processo.

- A proposta de trabalhar comunicação e educação prevê o "aprender fazendo" e o "fazer aprendendo". É uma tradução da idéia da reflexão voltada para a prática e da prática em permanente avaliação. Os alunos tornam-se mais "donos" de seu processo de aprendizagem e os professores têm a oportunidade de rever continuamente seu trabalho - diz a jornalista.

Produzindo os textos

Antes de começar a produzir os textos, as professoras da E. M. Maria Ângela Moreira sentiram necessidade de trabalhar com os alunos a estrutura e a linguagem da mídia impressa.

- Primeiro conversamos com as crianças, perguntamos o que achavam da idéia do jornal. Depois trouxemos várias publicações para a sala de aula, fizemos a leitura para familiarizar os alunos com as diferentes seções e componentes dos jornais. Discutimos as funções deste veículo de comunicação e só então começamos a escrever - descreve Jéssica da Rosa, responsável pela turma do segundo ano do segundo ciclo do ensino fundamental.

A contribuição da turma coordenada por Jéssica foi uma entrevista, e ela conta como se deu essa escolha.

- Surgiu a oportunidade de visitarmos o Museu da Imprensa. Antes da visita, conversando com as crianças sobre o que publicaríamos no jornal da escola, eles tiveram a idéia de fazer uma entrevista durante o passeio. Elaboramos as perguntas e elegemos um repórter.

O escolhido foi Rogério Ferreira, de 11 anos.

- Fiz a entrevista com a guia do museu. Ela contou a história, explicou as coisas pra gente - comenta Rogério.

O estudante também fala sobre o trabalho prévio com jornais na sala de aula.

- Primeiro pegamos o jornal e cortamos as coisas que a gente gostava. Depois montamos nosso próprio jornal. Eu, por exemplo, cortei a parte que falava do futebol.

Francisco da Silva, de 9 anos, aluno de outra turma do segundo ciclo, participou de atividades diferentes em sala de aula.

- Nós cortamos o jornal e colamos as notícias que escolhemos no mural, com o nosso nome. Assim conhecemos melhor o jornal – diz Francisco.

A turma do Francisco ficou responsável pela seção "Carta dos leitores". Cada aluno fez uma pequena carta sobre diferentes assuntos de sua escolha. Aryna Alves, de 9 anos, decidiu alertar seus leitores sobre as dificuldades de quem mora em Niterói.

- As praias estão poluídas, existem pessoas que moram nas ruas e conseguir uma vaga numa escola pública está muito difícil - escreveu ela.

Já Francisco preferiu falar de coisas boas.

- Eu falei do recreio. É a parte que eu mais gosto da escola. Mas eu também gosto de estudar. O meu pai só fez a primeira série e ele não sabe ler muito bem, nem escrever. Tem que saber ler, tem que estudar pra poder trabalhar.

Quantas matérias cabem em um só jornal?

Existem 22 diferentes turmas na E. M. Maria Ângela Moreira Pinto. Cada uma com cerca de vinte alunos e cada aluno fazendo um trabalho para o jornal. Fazendo rapidamente as contas, foram cerca de quatrocentos trabalhos produzidos pelas crianças em toda a escola. Como reunir tanto material em uma única publicação? O primeiro passo foi organizar um processo de seleção dentro das próprias turmas.

- Cada professor escolheu o seu método: alguns fizeram eleição entre os alunos, outros envolveram toda a escola no processo de escolha. O importante é dizer que o jornal foi um processo coletivo, mas cada professor, junto aos seus alunos, teve autonomia para decidir como fazer - alerta a coordenadora pedagógica Luciana Khun.

Após a seleção (dentro das salas de aula), cada professor encaminhava sua contribuição às profes-

soras de informática: Alessandra Dias, no turno da manhã, e Valéria Cristina de Faria, no turno da tarde. As duas foram as responsáveis pela difícil tarefa de organizar as diferentes produções em seções e páginas.

- Os textos sobre as "aulas-passeio" do fim do ano viraram a seção "Visitei e gostei". A reportagem de uma turma do primeiro ciclo que visitou o jornal *A Tribuna*, aqui de Niterói, foi a matéria de capa. O trabalho da educação infantil (textos coletivos a partir de reportagens publicadas) virou a sessão "Vi no jornal" – conta Valéria.

Como todos os alunos passavam pela aula de informática, esse foi o espaço que possibilitou o encontro de todos os produtos realizados em sala de aula. As professoras de informática foram os "fios condutores", que organizaram os materiais, sempre em parceria com os alunos.

- Eles digitaram as matérias, escanearam desenhos. Eu e a Valéria fomos arrumando a "cara do jornal" a partir do que era produzido em sala de aula e trazido para o computador pelos alunos - explica Alessandra, que, sorrindo, complementa: - Mal sabíamos que o momento mais conturbado ainda estava por vir - diz, referindo-se à diagramação do jornal.

Criando a "cara" do jornal

Depois de incluir todo o material no computador, é preciso criar uma identidade visual. Decidir o formato da publicação, o tipo de letra, escolher as ilustrações e definir o nome da publicação.

- Para escolher o título e a logomarca do jornal, fizemos uma eleição onde cada turma escolhia um nome e depois todos na escola elegiam o melhor. A logomarca foi desenhada por uma aluna do primeiro ciclo numa aula de artes. O desenho teve tão boa aceitação que virou um símbolo da escola. Fizemos até camisetas com esse desenho - diz Luciana Khun, mostrando a camiseta com a estampa de um menino que lê, feliz, um exemplar de algum jornal. Provavelmente, o próprio *Com a palavra... Maria Ângela!*.

Nome e logomarca escolhidos, era hora de diagramar o jornal, organizando, com auxílio de um computador, os textos e as ilustrações em cada página. O trabalho não pôde ser feito na escola, já que os computadores não possuíam os programas adequados.

- Entramos em contato com estudantes da Universidade Federal Fluminense para ver se teria alguém que pudesse nos ajudar nesse processo. Um estudante de comunicação social se interessou, mas na correria de final de ano terminamos perdendo o contato com ele. Aí, conheci uma pessoa que trabalhava com isso e ela aceitou nos ajudar. Ficamos um final de semana inteiro trabalhando para diagramar tudo. Na segunda-feira, apresentei para as colegas, que pediram algumas mudanças e, assim, chegamos nessa versão final - conta Alessandra.

O jornal *Com a palavra... Maria Ângela!* foi impresso em papel *couché*, formato duplo A4, com oito páginas coloridas. A impressão de alta qualidade, embora garantida pela Secretaria Municipal de Educação, gerou controvérsias.

- A prefeitura não teria condições de garantir a publicação regular de um jornal assim. Se o formato for esse, a escola só poderá imprimir um por ano, no máximo, o que compromete o uso da mídia como metodologia pedagógica. Na nossa opinião [da secretaria], é mais importante garantir uma regularidade desse trabalho, ainda que isso signifique um jornal não tão elaborado - salienta a coordenadora de informática educativa da Secretaria Municipal de Educação, Adriana Neves.

Para a coordenadora pedagógica da E. M. Maria Ângela Moreira Pinto, a opção por uma publicação mais sofisticada no que diz respeito ao formato tem relação com o desejo de melhorar a auto-estima da equipe escolar.

- A gente buscou a melhor qualidade para que os professores, os alunos e seus familiares ficassem mesmo com muito orgulho do que produziram. Fazemos parte de uma escola pública, mas não por isso temos que desenvolver projetos com menor qualidade - explica Luciana.

Comunicação e auto-estima: novas formas de educar

Com o jornal pronto, era preciso divulgar entre os alunos a novidade e preparar a festa de fim de ano com a distribuição dos exemplares para estudantes e familiares. Nesse momento, foi possível perceber os resultados de tanto esforço coletivo.

- Tem uma imagem que eu lembro e que me marcou muito - recorda Luciana. - No meio daquele tumulto da festa de final de ano, que a gente sempre faz na praia de São Francisco, no meio daquela confusão de crianças correndo pra lá e pra cá, naquela brincadeira toda, uma das alunas pegou o jornal, parou, deitou na areia e começou a folhear calmamente o jornal, procurando o seu trabalho. Ela ficou ali lendo, tranqüila... Essa imagem ficou muito forte em mim.

Perceber as diferentes reações de quem tem em suas mãos o trabalho elaborado nas salas de aula, nas reuniões pedagógicas, na sala de informática ou até nos corredores foi uma experiência gratificante para todos.

- Acho que entre a gente, professores, a reação foi uma mescla de orgulho e sentimento de vitória: apesar de tanta loucura, conseguimos! - lembra Luciana. - Já os alunos ficaram muitos felizes de reconhecer os seus trabalhos. Os pais também. Foi um trabalho coletivo. Cada um reconhecia um pedaço desse jornal como seu - acrescenta ela.

Rogério e Francisco têm opiniões diferentes sobre como foi a experiência de fazer seu primeiro jornal. Francisco diz que achou "legal", porque "nessas aulas a gente conversa mais com os professores". Já Rogério acha que a relação com os professores não muda – "são os professores normais e os alunos normais" –, mas ele aponta outro ganho: "a auto-estima da escola".

- Como assim? - perguntamos.

- É... Parece uma escola mais organizada... Você sabe como é que é: "Olha, essa escola tem um jornal! Vou colocar o meu filho lá!" – responde Rogério.

- E isso é aumentar a "auto-estima da escola"? – insistimos na pergunta.

- É, a gente passa a sentir orgulho, né? - complementa o menino.

Entre tantos textos e imagens que nos cercam em nossa vida cotidiana, trabalhar com as tecnologias de informação e comunicação em sala de aula pode significar uma forma diferente de envolver alunos e professores em novas descobertas.

-A escola ficou muito tempo com aquela coisa: quadro negro, professor e sala de aula. Com um projeto como esse, você mostra que existem outras maneiras de trabalhar, existem outras linguagens. O texto não é só o texto escrito, não é só escrever, uma imagem também é um texto, que pode e deve ser lido - propõe Luciana, acrescentando que a inovação das práticas e a garantia de variados recursos pedagógicos sempre foram preocupações da escola. - Arrecadamos dinheiro em festas, bingos e já compramos máquina fotográfica digital, câmera de vídeo e outros equipamentos - diz ela.

Em 2007, um bate-papo entre os alunos da escola e a editora do "Globinho" (suplemento infantil do jornal *O Globo*) Josy Fishberg foi, segundo Luciana Khun, o pontapé inicial para o segundo número do jornal *Com a Palavra... Maria Ângela!*, que foi publicado em dezembro de 2007. Há planos de novos projetos envolvendo comunicação e educação para 2008. Desenvolver experiências com a fotografia ou realizar um vídeo-documentário sobre o cotidiano de alunos e professores são algumas das idéias. Está dada a largada para um novo ciclo de experiências e aprendizados.

Para saber mais...

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986. (Col. Princípios.) – O autor fala sobre normas de redação jornalística em veículos impressos, rádio e televisão.

BLINKSTEIN, Isidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1988. (Col. Princípios.) – O que é escrever bem? O autor diz que não basta dominar as regras gramaticais. É necessário dominar alguns segredos e técnicas da comunicação.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1997. (Col. Princípios.) – Utilizando exemplos retirados de textos publicitários, jornalísticos, religiosos e didáticos, o autor reflete sobre a linguagem persuasiva: trata-se de um despretensioso exercício de convencimento ou de uma forma de controle social?

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Portal do Projeto Jornal Escolar.
www.jornalescolar.org.br

Conversa com quem faz jornal

Dando continuidade ao projeto iniciado com a publicação do jornal *Com a Palavra... Maria Ângela!*, os alunos da E. M. Maria Ângela Moreira Pinto participaram, já em 2007, de um encontro com a jornalista Josy Fishberg, editora do "Globinho", suplemento infantil de *O Globo* (um dos jornais de maior circulação no estado do Rio de Janeiro). Segundo a coordenadora pedagógica Luciana Khun, foi uma oportunidade das crianças terem contato com a rotina de um veículo da chamada "grande mídia".

- Eles aprenderam sobre os muitos processos que acontecem no espaço da redação de um jornal de grande porte - diz ela.

O encontro foi possível com o apoio da equipe do projeto Educomunicar, que identificou a palestrante e agendou a visita.

- Trabalhamos a partir da demanda da escola, que manifestou o desejo de dar prosseguimento ao projeto do jornal. A desmistificação dos processos da grande imprensa parecia um aspecto ainda não contemplado, considerando as atividades do ano passado - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro.

Durante a conversa, a jornalista respondeu às variadas perguntas das crianças do segundo ano do segundo ciclo: "É difícil ser jornalista?", "Por que um jornalista se arrisca por uma matéria?", "Como vocês selecionam os trabalhos das crianças que aparecem no jornal?", "Você já foi processada?". Depois, foram organizados exercícios práticos, em que as crianças vivenciaram a rotina de um repórter: o primeiro parágrafo de uma matéria era lido e as crianças definiam quais seriam os personagens que deveriam participar de uma "encenação" da reportagem.

Na primeira notícia – de um quase seqüestro –, três crianças representaram a conversa entre o repórter, a vítima e o policial. Na segunda, a abertura de uma exposição de artes plásticas voltada para crianças, os alunos ficaram em dúvida: além do repórter, quem iria participar? Depois de muita conversa paralela, a jornalista "de verdade" ajudou.

- Além do artista, que tal a gente entrevistar uma criança para saber se ela gostou dos quadros? – sugeriu Josy.

Sugestão aceita, e mais uma encenação acontecia nesta movimentada manhã escolar.

Dandara Oliveira, de 9 anos, mostrou-se animada com o que aprendeu.

- A gente viu como é que se faz uma reportagem: primeiro você tem que saber o local, depois você decide quem você vai entrevistar - ensina.

Érika Domingos, de 11 anos, já começa a pensar em como aplicar os novos conhecimentos.

- A gente podia fazer uma matéria sobre a escola, sobre como os professores ensinam. Aí a gente pergunta pro professor e pro aluno, né? – diz Érika.

Ficam entreabertas muitas possibilidades e caminhos para que mais uma experiência com a mídia impressa seja realizada na escola. E, ao que parece, motivação entre os alunos é o que não falta.

Atividades

Dinâmica do quebra-cabeça

Este exercício permite a análise dos elementos de um jornal impresso, além de viabilizar uma reflexão sobre as diferentes abordagens de um mesmo assunto por veículos de massa distintos.

- Pegue a primeira página de alguns periódicos e as recorte de modo a separar os diferentes elementos: cabeçalho, manchete principal, texto, fotografia, expediente, etc. Forme "kits" de peças de jornal. Para complexificar a dinâmica, você pode inserir num "kit" peças de outro.
- Divida a turma em grupos e dê um kit para cada um. Eles devem montar a primeira página de um jornal. Se for o caso, devem conseguir identificar a "peça" que não se encaixa por pertencer a outro periódico.
- No final cada grupo apresenta para o conjunto da turma suas observações: que elementos compõem a primeira página de um jornal? Qual a função de cada um deles? Como identificaram a "peça" que não pertencia a seu conjunto? Qual o objetivo da primeira página de um jornal? Quais as diferenças entre as várias "primeiras páginas" montadas? De que modo a diagramação da primeira página influencia a leitura do conteúdo da mesma?

Dicas sobre jornal

Diagramando jornais com editores de texto

É possível realizar a diagramação de jornais escolares usando editores de texto, softwares bastante comuns nas secretarias e nos laboratórios de informática das escolas. O ideal é conduzir o processo com os alunos, criando com eles a "cara" do jornal.

- Os textos devem ser digitados. Reúna todos no mesmo arquivo.
- Configure a página para o tamanho de papel (A4, A3, ofício...) em que pretende imprimir o jornal. Selecione a orientação (horizontal ou vertical).
- Faça o cabeçalho. No alto da página digite o nome do jornal. A seguir escolha o tipo de letra. O corpo (tamanho), em geral, varia de 60 a 70.
- Centralize o nome do jornal e coloque em negrito ou itálico se achar necessário.
- Desenhe (ou insira) uma linha abaixo do nome do jornal. Em geral esse comando está no item "inserir" ou "desenho".
- Abaixo da linha escreva o cabeçalho: local, data e número do jornal. Selecione esse trecho, defina o tipo e o tamanho da letra. Se desejar, centralize o texto.
- Coloque uma nova linha abaixo do cabeçalho. Selecione a linha anterior com o cursor, tecle "Ctrl" e "C" e a seguir "Ctrl" e "V". Surgirá uma nova linha igual à já feita. Com o cursor, posicione-a abaixo do cabeçalho.
- Digite o título da primeira matéria logo abaixo do cabeçalho. Selecione-o e defina o tipo de letra. Depois, defina o tamanho, lembrando que o título deve chamar a atenção. Se quiser, coloque em negrito.
- Desloque o primeiro texto para a segunda linha abaixo do título da matéria. Retire os recuos de parágrafo. Posicione o cursor na linha entre o título e o início do texto e insira uma "quebra de sessão". Faça a mesma coisa no fim do primeiro texto. (Isso permitirá que você formate cada texto de uma vez.)
- Selecione com o cursor todo o primeiro texto. Defina o tipo de letra (que deverá ser o mesmo em todos os textos) e o tamanho (entre 11 e 13, pode variar de um texto para o outro). Busque no comando "formatar" a opção "colunas" e determine se o texto terá uma, duas ou três colunas. (Para uma folha A4, duas colunas é o ideal.) Nesse mesmo comando, defina o espaço entre as colunas. (Sugestão: entre 0,5 e 0,8mm.)
- Para inserir uma foto ou figura, uma técnica fácil é abrir um arquivo onde esteja esse elemento, selecioná-lo, digitar "Ctrl" e "C" (copiar), voltar ao arquivo do jornal, posicionar o cursor no lugar onde quer a foto (início, meio ou fim do texto) e digitar "Ctrl" e "V". Depois, com o cursor ajuste o tamanho da figura. Selecione a figura e dentro do comando "desenho" ou "formatar", defina a posição do texto em relação a ela. O texto pode rodear a figura, ficar a trás dela, à frente...
- Para diagramar os outros textos, repita o mesmo procedimento. Após o texto diagramado anterior, faça o título, insira uma quebra de sessão, selecione o texto, formate as colunas e depois, se for o caso, insira fotos ou figuras.
- As outras páginas seguem a mesma dinâmica, sem a necessidade de fazer o cabeçalho.
- Imprima as páginas, que funcionarão como matriz para fotocópias do jornal.

Escola Municipal Maria Ângela Moreira Pinto

Contatos: Luciana Khun
Telefone: (21) 2714-5357 ou (21) 2714-5482
Rua Tupiniquins, 392, São Francisco, Niterói
E-mail: sm_angela@educacao.niteroi.rj.gov.br

Muito prazer, Preventório

Uma experiência educomunicativa

Nome: Colégio Estadual Maria Pereira das Neves
Localização: Comunidade do Preventório, Niterói, RJ
Ano de fundação: 1965
Número de alunos: 1.100
Séries: 1° ao 9° ano (ensino fundamental e EJA), 1° ano (ensino médio)

“A comunidade do Preventório tem vários problemas. (...) No lado em que eu moro são duas caçambas de lixo. É tanto lixo que fica mais fora da caçamba do que dentro! As ruas são esburacadas, as fiações estão emboladas. (...) Eu só vejo uma solução: a colaboração dos moradores e uma boa ajuda do governo. Com essa união, com certeza construiremos uma comunidade bonita e feliz.”

Com esse texto, Felipe Mizael, aluno do oitavo ano do Colégio Estadual Maria Pereira das Neves, termina sua redação. O tema proposto, “Qualidade de vida no Morro do Preventório”, nomeia também o projeto político-pedagógico da escola em 2007, que discutiu e analisou a situação de vida na comunidade em que se insere a instituição e vive a maior parte dos seus alunos. Além de aproximar a realidade escolar do cotidiano dos estudantes, o projeto teve outro mérito: foi o primeiro elaborado efetivamente de forma coletiva, pelo conjunto de professores, equipe técnica e direção.

- No corre-corre diário das escolas, dificilmente você consegue reunir todos os profissionais para pensar um plano de trabalho. Muitas vezes o projeto político-pedagógico termina reduzido a um documento que cumpre uma função burocrática. Dessa vez fizemos diferente. Foi uma conquista - afirma a coordenadora pedagógica da escola, Regina Dayer.

Ela ressalta que a animação em torno da proposta foi tão grande que motivou a reativação das reuniões de planejamento para acompanhamento das atividades.

- Passamos a nos encontrar quinzenalmente. Cada reunião acontece num dia da semana diferente para permitir a participação de todos, já que a maioria dos professores trabalha em duas ou três escolas - explica Regina.

Segundo ela, o projeto significou discutir “o que é qualidade de vida para os adolescentes e crianças que estudam no C. E. Maria Pereira das Neves”.

Não é recente o interesse da escola pela comunidade do Preventório. Segundo a professora de história Lícia Mascarenhas, vários professores vinham pensando, de forma isolada, em como se aproximar da realidade dos alunos. Para ela – que participou da oficina para professores promovida pela Bem TV –, o projeto Educomunicar deu oportunidade à articulação desses desejos.

- No fim da oficina, precisávamos montar uma proposta de multiplicação do nosso aprendizado. Reunimos todos os professores, com ajuda da coordenação pedagógica, para saber o que a maioria das pessoas queria. Esse encontro nos ajudou a definir o que faríamos – um dia de oficinas intensivas nas áreas de vídeo, fotografia e jornal –, mas também proporcionou a troca de idéias. Decidimos nos encontrar mais vezes, e assim surgiu o nosso projeto político-pedagógico - diz ela.

Ficou definido que o primeiro bimestre seria dedicado ao resgate da história do Preventório e ao levantamento de dados sobre a situação de vida na região. Cada professor definiria o que e como produzir com os alunos. Muitos profissionais se uniram no desenvolvimento de uma proposta única. A professora de matemática Cristiana Junqueira aproximou-se da professora Tereza Machado, de ensino religioso, e ambas trabalharam com os alunos o perfil residencial e familiar da comunidade. Outro professor de matemática, Cícero Avelino, trabalhou em parceria com a professora de educação física Luciana Collier. Ela discutiu com as turmas de sétimo, oitavo e nono anos o significado e a prática dos exercícios físicos no Preventório, levantando com os alunos dados de biomecânica e biometria que serviram para a construção de tabelas e gráficos nas aulas de matemática ministradas por Cícero.

O resgate da história ficou a cargo da professora de artes, Alessandra Guerra, e dos alunos do nono ano do ensino fundamental e do primeiro ano do ensino médio.

- Quando surgiu o projeto sobre o Preventório, o primeiro passo era buscar a história pra passar para os alunos. Mas nem a gente sabia! Procurei na internet e descobri muita coisa interessante. Os alunos adoraram! – diz ela.

Segundo a professora, a partir das informações iniciais levadas para a sala de aula a colaboração dos alunos tornou-se constante.

- Eles trouxeram fotos antigas, histórias de seus familiares, relatos sobre o primeiro time de futebol, sobre o Preventório há trinta, quarenta anos - diz Alessandra.

Depois de coletadas as informações, os alunos reconstruíram com pinturas e desenhos a paisagem do Preventório na época em que começou sua ocupação (início do século XIX). Para Alessandra, a experiência teve impacto diretamente na auto-estima dos alunos.

- Nessa atividade, eles viram que sua comunidade tem uma história. Passaram a valorizar o lugar onde vivem e, automaticamente, sentiram-se melhor, mais importantes - conta a professora de artes.

Os painéis produzidos foram expostos na escola no final do primeiro bimestre, chamando a atenção de outros alunos e professores.

- Está bonito, né? - aprovou Vitor Hugo, aluno do quarto ano do ensino fundamental. Cercado por outras crianças, ele apontava na pintura os prédios que reconhecia. - Aqui é a Casa da Princesa - dizia, referindo-se à atual sede da Fundação para a Infância e Adolescência (FIA) de Charitas, que funciona na casa que, no século XIX, foi um hospital marítimo para abrigar doentes oriundos de navios que chegavam de quarentena à Baía de Guanabara.

No segundo, terceiro e quarto bimestres, outros produtos de comunicação serviriam para reunir e dar visibilidade (e portanto conseqüência) a toda a produção desenvolvida pelos alunos sob a orientação dos professores. A idéia era atingir, progressivamente, públicos mais amplos: primeiro a comunidade escolar (com o jornal mural), depois a comunidade do Preventório (com o jornal impresso) e por fim a sociedade como um todo (com a publicação de conteúdos em um blog). Para a coordenadora pedagógica da escola, Regina Dayer, a comunicação surgiu como um elemento “estruturante” do trabalho.

- No final do primeiro bimestre, ficamos meio confusos para organizar e dar utilidade a tanta informação. A produção de mídia com os alunos nos ofereceu um caminho - lembra ela.

Embora tenha sido o “fio condutor” do trabalho nos três últimos bimestres, a comunicação já havia começado a ser usada na etapa do levantamento de dados. A professora de português Adriana Pimentel utilizou a fotografia para levantar informações sobre a comunidade.

- Primeiro a gente discutiu o conceito de “qualidade de vida”. Depois organizamos junto a outros professores uma visita pela comunidade. Subimos o morro e fotografamos. Os alunos eram os nossos guias - conta Adriana, que trabalha há 12 anos no Maria Pereira e “entrou” no Preventório pela primeira vez em 2007. - Eu tinha muita curiosidade de conhecer a comunidade e vi como os alunos ficaram orgulhosos em mostrar o lugar onde vivem.

A partir das fotografias, os alunos desenvolveram textos em sala de aula. A princípio analisando os problemas do Preventório. Depois, buscando identificar soluções.

- Vimos que algumas coisas não dependem deles, como a água ou o saneamento básico, mas os moradores podem dar conta de outras questões, como o lixo espalhado, por exemplo – explica a professora de português.

Gerar resultados concretos para a comunidade, aliás, foi uma preocupação sempre presente. Trabalhando com os alunos de EJA, o professor Cícero, de matemática, desenvolveu um questionário para levantar possibilidades de geração de renda cooperativada na região.

- O questionário deveria, a princípio, levantar dados sócio-econômicos da população. Aproveitamos para verificar se existiam chances de as pessoas fazerem alguma coisa juntas, com algum vizinho ou com alguém da escola, para aumentar a renda - explica o professor, que, a partir dessa iniciativa, conseguiu articular quatro alunas de EJA, uma mãe de aluno e dois casais de pescadores da comunidade vizinha (Jurujuba), em torno da produção de quinhentas pastas para um congresso de matemática organizado pela Universidade Federal Fluminense em Niterói.

Para os professores do Maria Pereira das Neves, também foi interessante vivenciar a conciliação entre os conteúdos obrigatórios e o desenvolvimento de um projeto. A idéia de fomentar ações de geração de renda, por exemplo, deu origem a exercícios na sala de aula do professor Cícero.

- Propus aos alunos uma situação: uma grande empresa fictícia queria encomendar cestas básicas para distribuir entre seus funcionários, e os alunos deveriam formar, em grupos, pequenas empresas que produziriam as tais cestas. Eles absorveram a verdade da brincadeira, levantaram preços em mercadinhos da comunidade, aprenderam regra de três, frações e proporções - explica ele.

Nas aulas de português, a professora Adriana também sentiu mais facilidade para alcançar os objetivos da disciplina.

- Ao produzir os textos, foi muito mais fácil exigir qualidade, cobrar grafia e gramáticas corretas, porque eles sabiam que aquele material ia ser de fato lido, utilizado e divulgado – analisa a professora.

O projeto e sua metodologia

A equipe do C. E. Maria Pereira das Neves optou pela metodologia do projeto Educomunicar para desenvolver o trabalho sobre “Qualidade de vida no Preventório”. Isso não é exatamente uma novidade no campo da educação. A inovação no caso do Maria Pereira está no fato de uma escola grande, com mais de mil alunos, atendendo a estudantes do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino

médio (incluindo EJA), ter conseguido elaborar coletivamente um projeto único, orientador e estruturante de todas as atividades letivas de 2007.

- De modo geral, principalmente em escolas grandes, observamos o desenvolvimento de pequenos e vários projetos não-articulados, ao longo do ano. A experiência do Maria Pereira das Neves prova que é possível aliar a metodologia de projetos às obrigações curriculares. É possível, portanto, lecionar de outra forma que não aquela tradicionalmente observada pelas instituições de ensino - comenta a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini.

A pedagogia de projetos foi também identificada como a melhor proposta para favorecer as parcerias necessárias ao desenvolvimento das atividades planejadas.

- A gente sempre tentou interagir com a comunidade, mas dessa vez ousamos mais, radicalizamos, e o resultado foi muito bom. Professores precisaram se aliar a alunos e aos demais professores para discutir as condições de vida na comunidade e achar respostas - explica a coordenadora pedagógica do colégio, Regina Dayer.

Para a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro, é importante ressaltar que a comunicação dialoga muito bem com a pedagogia de projetos.

- A realização de um produto de mídia engloba várias etapas de construção de conhecimento. Para fazer um vídeo, um jornal ou um programa de rádio é preciso pesquisar, organizar os dados, produzir mensagens (escritas ou audiovisuais), formatá-las e disseminá-las junto a um público previamente definido de acordo com os objetivos a ser alcançados. A comunicação não é a única forma de trabalhar com projetos, mas o processo comunicativo, por si, induz a organização das atividades - diz Márcia.

A equipe do C. E. Maria Pereira das Neves concorda que a comunicação facilitou o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola.

- Num dado momento, estávamos todos ali, cheios de textos, gráficos, depoimentos, um mundo de coisas, e não sabíamos como começar a organizar essas informações. A necessidade de fazer um jornal mural ajudou a gente a selecionar, montar e dar uma cara mais organizada a todo o material - exemplifica a professora de português Adriana Pimentel.

A pedra do caminho

Quem trabalha em escola sabe que nem sempre as coisas acontecem como foram planejadas. No Maria Pereira das Neves não foi muito diferente.

- Fechamos o primeiro semestre com chave de ouro, mas a partir de julho foram vários os obstáculos. Houve uma greve prolongada dos funcionários, seguida por paralisações dos professores, além de muitos feriados - relembra Regina Dayer.

O levantamento de dados ocorreu como previsto, com bons resultados. Para a construção do jornal mural, no fim do segundo bimestre, os professores selecionaram e organizaram o material que seria exposto. Essa seleção foi orientada pelos objetivos do projeto político-pedagógico e também considerou a necessidade de apresentar os conteúdos de forma clara e atrativa para o leitor. A professora Adriana lembra como foi a experiência.

- Foi um momento muito rico, porque teve a participação de vários professores, cada um com o que selecionou de mais importante para ser exibido à comunidade escolar.

Vieram então as férias de julho. Na primeira semana após o retorno, começou a greve do magistério no estado do Rio de Janeiro, que durou mais de sessenta dias. Na retomada, ainda aconteceram paralisações semanais durante quatro semanas.

- O tempo ficou curto para desenvolver qualquer atividade. Aí você fica sem opção: precisa priorizar o repasse do conteúdo obrigatório - justifica a coordenadora pedagógica da escola, que, no entanto, não desistiu. - Ano que vem vamos dar continuidade à proposta - diz ela.

A professora Lícia Mascarenhas explica que esse tipo de problema faz parte da rotina escolar.

- Nos meus primeiros anos trabalhando em escola, eu ficava muito ansiosa e frustrada quando via que os projetos não caminhavam tanto quanto eu gostaria. Hoje aprendi que a gente tem que ter paciência mesmo, porque dentro de uma escola tudo tem seu tempo, tem uma dinâmica própria.

Segundo ela, as discussões do projeto não foram abandonadas, mas reduzidas no segundo semestre, pautando dois eventos que a escola tradicionalmente realiza: a exposição "Escola Aberta" (quando o colégio expõe sua produção para a comunidade) e a gincana de fim de ano, que em 2007 teve como tema "Qualidade de vida no Preventório".

Mobilizando alunos de todas as séries e turnos, a gincana incentivou estudantes e suas famílias a conhecer mais sua comunidade. Os participantes foram solicitados a trazer o morador mais antigo do Preventório à escola e a levantar a origem dos nomes das principais ruas. Outra tarefa premiou (com pontos na gincana) as melhores fotos, textos e poesias sobre o Preventório. Os materiais ficaram expostos no mural da escola para a avaliação de todos os alunos e professores. Os melhores foram reunidos num jornal, que foi distribuído na escola inteira.

Avaliando o desenvolvimento do projeto "Qualidade de vida no Preventório", a coordenadora Regina Dayer e os professores Lícia e Cícero consideram que muitos dos objetivos foram alcançados, embora todos reconheçam a impossibilidade da finalização.

- Nós acreditamos que nossos alunos são agentes transformadores - explica Regina, e acrescenta: - O projeto de fato permitiu que eles discutissem as possibilidades e necessidades de mudança.

Para Lícia, o interesse da escola pela comunidade de seus alunos também foi um ganho.

- Nós professores passamos a nos sentir mais próximos da comunidade e dos alunos. Isso é ótimo. A comunicação entre nós melhora, e temos mais condições de fazer uma aula adequada à realidade deles.

E o que dizer para outras escolas que queiram mergulhar na realidade do seu entorno?

- Engajamento, essa é a palavra. Engajamento dos professores, da direção e da orientação, porque, se isso não acontecer, não adianta que não existe projeto que dê conta - diz a coordenadora. Para ela, é necessário também ser flexível em relação aos conteúdos disciplinares. - Quando você consegue, enquanto professor, a parceria entre a sua matéria e a identidade do projeto, você garante ótimos resultados.

Cícero destaca o valor das parcerias.

- Eu gosto muito dessa idéia de parceria entre professores, alunos e comunidade. Segundo ele, esse é o segredo para dar conta dos desafios. - Se falta um equipamento, a ONG pode emprestar. Se é preciso lanche, é possível pedir a ajuda das mães. A escola cede espaço. Somar parceiros é somar recursos - afirma Cícero.

Lícia indica o que lhe pareceu fundamental para a realização do projeto.

- A direção precisa abrir espaços para as reuniões entre os professores, porque os projetos devem ser construções coletivas - diz, e ressalta a importância de fomentar a participação dos alunos. - Os alunos estão loucos por estímulos. Eles gostam do espaço da escola, estar na escola é muito bom, o que eles não gostam é da sala de aula. Então, é um desafio nosso criar um ambiente mais propício, mais atraente e alegre para eles - diz ela. A experiência do C. E. Maria Pereira das Neves mostra que isso é possível.

Multiplicando experiências

Cinco professoras do C. E. Maria Pereira das Neves participaram do projeto Educomunicar: Maria Alice Viestel (bibliotecária), Dirce de Oliveira (professora de Ciências), Luciana Collier (professora de educação física), Lícia Mascarenhas (professora de história) e Maria Lúcia Bogado (orientadora tecnológica). Como todas as participantes da capacitação inicial oferecida pelo projeto, elas deveriam multiplicar seu aprendizado para o conjunto da escola.

- Como no Maria Pereira todos os processos são bastante democráticos, achamos que o melhor era perguntar para os outros professores que tipo de multiplicação eles preferiam - conta Lícia Mascarenhas.

A reunião aconteceu com a ajuda da coordenação pedagógica, que convocou os profissionais da equipe. Ficou decidido que elas fariam três oficinas simultâneas de curta duração, abordando três linguagens diferentes: uso do vídeo, produção de jornal e fotografia. As três oficinas teriam cinco horas de duração e aconteceriam simultaneamente na sede da escola, durante um dia da semana de reciclagem. Três das egressas da capacitação inicial do Educomunicar ministraram as oficinas: Lícia falou sobre jornal, Luciana sobre fotografia e Maria Lúcia sobre vídeo.

Para elaborar um roteiro das oficinas de capacitação, as professoras contaram com a assessoria da Bem TV, que também emprestou equipamentos de fotografia. A escola disponibilizou recursos para compra de materiais. No dia das oficinas, cada grupo de profissionais da escola podia optar por uma das três linguagens. Na turma de fotografia havia 12 professores, oito docentes integraram a oficina de vídeo e 13 profissionais participaram das discussões sobre fotografia, conduzidas pela professora Luciana Collier. Para ela, a experiência foi positiva.

- Senti que os professores gostaram. Fiquei um pouco nervosa, preocupada se ia dar certo ou não, se teríamos ou não todo o material, mas na hora tudo aconteceu sem problemas.

Criação do logotipo "Comunidade Prevê"

O processo de criação de uma marca para o projeto "Qualidade de vida no Preventório" começou no início do mês de maio, quando convidei a designer Lê Mascarenhas, minha irmã, para dar uma "aula" para as turmas 701 e 702 sobre os desafios de sua profissão. Apesar do pouco tempo, ela conseguiu mostrar para aqueles alunos o que é um logotipo e qual a sua importância para o mundo moderno. Além disso, foi possível descortinar para eles novos horizontes profissionais por meio de seu depoimento sobre o ofício de um designer gráfico.

A partir disso, propusemos aos alunos que eles formassem duplas e criassem um logotipo para o nome Comunidade Prevê, escolhido coletivamente para abreviar e tornar "Preventório" mais interessante graficamente. Depois dessa participação para mim muito especial, propus o mesmo trabalho para as turmas 601, 602, 603, 801 e 1001 (primeiro turno). O resultado foi maravilhoso e tornou muito difícil selecionar os dez mais adequados para participarem da votação. Minha irmã também atuou diretamente nessa seleção, opinando sobre aqueles trabalhos que apresentavam as características necessárias a um logotipo.

A votação aconteceu no mês de junho, e contei com a ajuda da professora Cristiana, de matemática, que escaneou os desenhos, e das coordenadoras Regina e Edyla, que foram de sala em sala para que os trabalhos fossem escolhidos pelos alunos dos três turnos, pelos professores e pelos funcionários da escola. O logotipo, escolhido com quase quatrocentos votos, foi criado pelas alunas Elza e Stefany, da turma 603, e mostrou que a imagem da Comunidade Prevê que a maioria quer é limpa, colorida e alegre.

Lícia Gomes Mascarenhas
Professora de História

Dicas sobre blog e pesquisa de campo

Atividades

Sugestão de gincana em parceria com a comunidade

A equipe do C. E. Maria Pereira das Neves organizou uma gincana para compartilhar com os moradores do Morro do Preventório os conhecimentos que produziu sobre a comunidade. Você pode fazer a mesma coisa:

- Para a premiação, busque apoio dos comerciantes locais. Eles podem oferecer brindes e descontos para os vencedores. Tempo de uso gratuito na *lan house* local ou aluguel de DVDs na locadora é um prêmio que despertará grande interesse nos estudantes.
- Ofereça pontos extras às equipes de alunos que conseguirem incluir entre seus membros outros moradores da comunidade. (Obviamente eles terão que estar presentes nos dias de "cumprir" tarefas.)
- Entre as tarefas propostas, podem estar: conseguir a foto mais antiga da comunidade (sabendo dizer o que ela representa), trazer à escola o morador mais antigo, trazer à escola uma autoridade local para um debate (o diretor da companhia de lixo ou de água, por exemplo).
- Outra idéia é propor aos alunos coleta de lixo reciclável, cuja venda poderá ser revertida para a compra de livros para a biblioteca da escola, por exemplo. Essa idéia é especialmente válida se o problema do lixo for apontado nas pesquisas na comunidade.

Exemplo de questionário para diagnóstico da situação de vida de uma comunidade

Use o exemplo descrito abaixo como base para desenvolver com sua turma uma enquete adequada à realidade da comunidade do entorno de sua escola. Tire proveito da experiência de seus alunos como moradores dessa comunidade. Elaborado o questionário, transforme sua aula numa visita ao bairro. Enquanto alguns alunos entrevistam moradores, outros podem fotografar a realidade. Ao final os resultados podem ser tabulados e analisados. Depois é só pensar numa forma de divulgar as reflexões desenvolvidas. (Sugestões: jornal mural, blog.)

Questionário

Idade: _____
Escolaridade:
( ) fundamental incompleto ( ) fundamental completo ( ) médio incompleto
( ) médio completo ( ) superior incompleto ( ) superior completo
Sexo: ( ) M ( ) F
Relação com a comunidade: ( ) mora ( ) trabalha ( ) estuda
Sabe como a comunidade se formou? ( ) sim ( ) não
Possui em casa fotos ou documentos antigos da comunidade? ( ) sim ( ) não
Tempo de relação com a comunidade: _____
O que a comunidade tem de melhor:_____
Principal problema: _____
Responsável pelo principal problema: ( ) governo
( ) população local ( ) outros: _____
Qual, na sua opinião, é o personagem mais famoso? _____
Como vê a relação da escola com a comunidade?
( ) muito boa ( ) boa ( ) regular ( ) ruim ( ) não vê relação

Para saber mais...

ROSSETI, Fernando. *Mídia e escola: perspectivas para políticas públicas*. São Paulo: Educarte Central de Projetos Unicef. Editora Jogo de Amarelinha, 2005.

MOLL, Jaqueline. *Histórias de vida, histórias de escola: elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Rede Nacional de Experiências em Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP): www.redecep.org.br

A montagem de um blog passo a passo

Blog é uma abreviação de *weblog*. Qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal *on-line*, por exemplo). Para fazer um blog não é necessário ter conhecimento técnico especializado.

Existem vários sistemas gratuitos para publicação de blogs na internet, disponibilizados em português. Alguns exemplos:
Blogger - www.blogger.com
Weblogger - www.weblogger.com.br
Pop Blog - www.blog.pop.com.br
Blog-se - www.blog-se.com.br
My 1 blog - www.my1blog.com

- Acesse um desses endereços. Procure o comando para criar blog. Em geral os sites orientam o usuário.
- Você terá que fazer um cadastro informando um e-mail e uma senha. Alguns sites enviam um e-mail de confirmação que você precisa responder. (Isso significa acessar um link no corpo do e-mail.)
- Após fazer e confirmar o cadastro você deverá acessar seu serviço de hospedagem do blog (o site onde você o criou). Informe o seu e-mail e senha e então você será direcionado ao seu blog, em que poderá postar textos e fotos que estejam arquivados no computador.

Colégio Estadual Maria Pereira das Neves
Contatos: Regina Dayer (coordenadora pedagógica), Luciana Collier, Lícia Mascarenhas
Tvsa. Dr Leitão, s/n° - Preventório - Niterói -RJ Telefone: (21) 2610-5938

Nome: Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto (CEBRIC)
Localização: Bairro de São Lourenço, Niterói, RJ
Número de alunos: 1.200
Segmentos: Segundo segmento do ensino fundamental (ensino regular e EJA), ensino médio (regular e EJA)

Para quem tem algo a dizer
e muito a transformar

Uma experiência com jornal mural e fanzine no ensino médio

Como a comunidade do seu entorno (conhecida como “Favela do Sabão”), o Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto vivencia todo tipo de dificuldade estrutural. O prédio tem infiltrações, salas de aula estão interditadas, faltam equipamentos. Os professores dividem-se entre o desânimo e o esforço cotidiano para proporcionar uma educação de qualidade aos quase 1.200 adolescentes e jovens matriculados na escola.

- É muito desanimador trabalhar com salários tão baixos e sem qualquer apoio. Tem professores que estão na rede há mais de vinte anos e contam os dias para se aposentar. Alguns recém-concursados não se envolvem por acreditar que estarão na rede por pouco tempo, até encontrar coisa melhor. Mas tem também aqueles que, apesar de se sentirem desrespeitados, lutam diariamente para fazer um trabalho que valha a pena. Eu me enquadro nesse último grupo - diz a professora Argenid Sardella, há nove anos no CEBRIC, sigla pela qual o C. E. Brigadeiro Castrioto é mais conhecido.

A partir de 2007, Argenid tornou-se responsável, junto a 160 alunos, pelas disciplinas de inglês e português. Acumulou ainda a coordenação de duas turmas de “atividade complementar”. No ano letivo anterior, ela atuara na escola como orientadora tecnológica, cargo criado e extinto pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro em menos de 12 meses. (Ver Box). As “OTs” seriam as responsáveis, nas instituições da rede pública estadual de ensino, pelo uso pedagógico das novas tecnologias de informação e comunicação. Buscando subsídios para dar conta dessa tarefa, Argenid engajou-se em vários processos de capacitação, entre eles a oficina de mídia desenvolvida pela Bem TV no projeto Educomunicar.

Quando buscou aperfeiçoamento, Argenid acreditava que o domínio dos equipamentos era tudo o que precisava. Hoje sabe que isso é o de menos.

- Você pode aprender a apertar botões lendo manuais. O mais bacana da comunicação é que ela propõe uma relação diferente entre professores, alunos e escola - diz Argenid. Destituída do cargo de orientadora tecnológica, ela usa o que aprendeu com as duas turmas de atividade complementar, uma do primeiro e a outra do segundo ano do ensino médio. - Decidi trabalhar com a comunicação na sala de aula, criando veículos para os alunos se expressarem e discutirem temas de seu interesse.

Ela acrescenta que não são apenas os estudantes que estão insatisfeitos com o tipo de aula que encontram na escola.

- Nós professores também queremos que seja diferente. Ao dar aula de gramática, por exemplo, às vezes eu mesma tinha vontade de sair correndo, porque é muito maçante falar de tantas regras! - conclui, sorrindo.

Poucos recursos e muitos desafios

No CEBRIC, o laboratório de informática inaugurado em 2006 — com dez computadores conectados à internet — desperta grande interesse dos estudantes. Por isso a primeira proposta elaborada por Argenid e seus alunos foi a produção de um jornal on-line, dispensando, além de tudo, gastos com impressão ou fotocópias. Ao longo de três meses, no entanto, professora e alunos tiveram de enfrentar inúmeras dificuldades. Os cabos de conexão dos computadores à internet foram roubados duas vezes. Além disso, as máquinas não estavam funcionando em pelo menos metade das aulas.

Frustrado o planejamento inicial, buscaram alternativas. A proposta de produzir jornais murais e fanzines reacendeu o ânimo das turmas. Se o jornal mural é um veículo razoavelmente conhecido no universo escolar, o fanzine, por outro lado, representava um desafio. Simples e criativo, trata-se de um jornal artesanal, montado com textos que podem ser escritos à mão ou impressos de um computador. Para ilustrar, valem gravuras recortadas de jornais ou revistas, fotos ou desenhos. A base pode ser uma folha de papel (A4, A3, ofício, etc.) posteriormente dobrada (ou não) em qualquer formato e então fotocopiada (em preto-e-branco ou em cores, depende do orçamento).

Com a mão na massa

A turma de segundo ano do ensino médio, com 35 alunos, optou por trabalhar com jornais murais. Os quarenta estudantes do primeiro ano optaram pelo fanzine. Os alunos de ambas as turmas foram divididos em grupos de até cinco participantes. Cada grupo escolheu o tema que gostaria de trabalhar. Aquecimento global, limpeza escolar, *bullying*, gravidez na adolescência, DSTs, violência, aborto e tabagismo foram alguns dos temas escolhidos pelos “alunos-jornalistas”, que teriam que apresentar, no final do primeiro bimestre, um texto sobre o assunto. Antes, os adolescentes foram estimulados a pesquisar sobre as questões que pretendiam discutir. O papel da professora era orientar essa pesquisa: indicar (e muitas vezes providenciar) fontes, levantar questões, ajudá-los a selecionar as informações.

As visitas ao laboratório de informática e à biblioteca ganharam um novo significado. Os grupos também tiveram que desenvolver uma enquete sobre seu tema e aplicá-la junto a outros alunos, professores e funcionários da escola.

- Contando assim parece até que tudo aconteceu às mil maravilhas, mas não foi, não... Às vezes é difícil fazer o aluno entender que essa aula diferente é também aula, que aula não é só copiar o que está no quadro. É preciso fazê-los entender que o que eles copiam fica no caderno, mas o que a gente discute fica na cabeça - descreve Argenid.

Segundo ela, outra dificuldade foi conseguir a participação dos jovens nos momentos de debate.

- É muito contraditório. Eles reclamam que a escola não dá espaço para que digam o que pensam. Quando eles têm essa oportunidade o professor precisa incentivá-los o tempo todo, porque senão ninguém abre a boca - conta Argenid, confessando que algumas vezes recorreu ao velho artifício do “vale nota” para estimular os alunos a produzir. - E olha que eles escolheram o que produzir e sobre que assunto - lembra ela.

A “turma do fundão” também deu trabalho. Segundo Argenid, é comum a presença de um grupo de alunos que faz questão de deixar evidente sua resistência em se engajar.

- Esses a gente conquista aos poucos - sugere a professora.

Concluída a pesquisa e produzidos os textos, começou o processo de organização dos veículos de comunicação escolhidos. A turma encarregada dos jornais murais definiu em sala de aula — por meio de uma eleição — a ordem de exposição dos textos. A partir de então, as aulas do segundo bimestre foram dedicadas à coleta de outros elementos: imagens e gráficos encontrados na internet ou em jornais, desenhos e fotografias produzidos pelos próprios alunos, etc. No terceiro bimestre, a cada semana um novo mural deveria ser montado, abordando os temas pesquisados. Preocupados com a receptividade de seu trabalho na escola, os alunos rapidamente identificaram a regra número 1 de qualquer meio informativo.

- Tem que ter novidade, coisas que as pessoas não saibam, porque senão ninguém nem para pra olhar - explicou Tamirez Ferreira, integrante do grupo que escolheu como tema o “*bullying*”.

O que parecia uma preocupação exclusiva dos professores, o *bullying* surgiu espontaneamente como tema entre os adolescentes. A professora Argenid conta que tudo começou durante uma pesquisa no laboratório de informática. Uma menina viu a palavra na internet e Argenid lançou a pergunta para a turma:

- O que é *bullying*?

A mesma menina respondeu:

- Acontece quando alguém é sempre zoado por ser gordo ou por ter alguma deficiência ou... - ela foi interrompida por um aluno.

- Então tinha que estar no mural sobre violência! - reclamou o jovem integrante do grupo que discutia esse tema. Teve início um debate. A turma precisava decidir se seriam dois murais diferentes ou se o *bullying* estaria contemplado no mural sobre violência. O *bullying* acabou ganhando um mural exclusivo. - Senão, não ia caber toda a informação que a gente pesquisou! Olha só! - argumentou Tamirez, mostrando uma folha de papel almaço cheia de informações.

Para Tamirez, o melhor da atividade foi a possibilidade de rever o próprio comportamento.

- Às vezes a gente faz *bullying* e nem percebe. A gente gosta muito de ficar zoando um e outro, mas não percebe quais as conseqüências que isso pode trazer. Aprendi que, apenas por uma brincadeira, uma pessoa pode ficar doente e ter até depressão! Eu nunca imaginei que uma zoação poderia trazer tantas conseqüências - disse a aluna, cuja experiência de fazer o jornal mural lhe garantiu também a oportunidade de trabalhar métodos de pesquisa, redação, leitura, sem falar no exercício de argumentação para convencer a turma de que seu tema merecia um mural exclusivo.

Integrante do grupo que optou pelo tema da sexualidade, Graciele Costa apostava no poder de mobilização de seu jornal mural.

- Aqui na escola tem vários casos de gravidez, de aborto... Tem até prostituição, meninas que fazem sexo em troca de algo. Acho que o nosso jornal vai alertar, dar informações para que os alunos parem pra pensar - acredita ela, acrescentando que a ênfase dos textos está no estímulo ao sexo seguro, com camisinha.

Camila de Freitas, companheira de grupo de Graciele, complementa:

- Eu estou gostando de fazer esse trabalho. Hoje, quando se fala em pesquisa na escola, é sem-

pre na internet, é sempre igual. Aqui não, você tem que procurar em vários lugares, pegar jornais, revistas... Acho interessante porque é diferente, dá uma boa visão do assunto e ainda dá resultado para os outros alunos da escola.

A turma que escolheu o fanzine como veículo de disseminação de suas reflexões foi desafiada a produzir pelo menos um número por mês. Cada grupo ficaria responsável por uma edição e, além dos conteúdos, teria de definir um título e um formato diferente para a sua publicação, valendo-se das muitas possibilidades de dobradura de uma folha de papel. As aulas eram bastante tumultuadas, com uma movimentação freqüente de alunos e muita conversa e gritaria.

- Essa turma é muito agitada - explica Argenid. - Todos os professores comentam a dificuldade de trabalhar com eles. Mas são muito criativos. Às vezes apresentam um retorno melhor do que de outras turmas mais calmas - diz sorrindo, cercada por vários desses alunos, que queriam naquele momento conhecer as notas do bimestre.

Planos futuros e esperanças de hoje

Depois dos murais e dos fanzines produzidos, o último bimestre foi utilizado para rever alguns dos conteúdos que os alunos aprenderam no decorrer do ano de forma prática e não-sistematizada: cada grupo preparou um seminário em que deveria apresentar para os demais colegas as informações mais importantes sobre os temas pesquisados. Também reviram as principais seções que costumam existir em um jornal, em um jornal mural e em um fanzine. Discutiram sobre a rotina e os desafios de um repórter; a importância da manchete ou de um *lide* — o parágrafo introdutório de toda matéria jornalística que se propõe a responder perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde e por quê — bem escrito.

Ao longo do ano letivo, os alunos também vivenciaram a experiência de produzir algo de interesse para outras pessoas — no caso, alunos e profissionais do C. E. Brigadeiro Castrioto.

- O trabalho com comunicação aumentou a auto-estima dos meus alunos - diz Argenid Sardella. Segundo ela, os estudantes do CEBRIC são oriundos das comunidades próximas à escola, todas de baixa renda. - Muitos têm problemas de violência na família. Não estão acostumados a ser ouvidos em casa e quando chegam na escola a realidade não é muito diferente.

A professora reconhece que é difícil superar problemas que já estão cristalizados no sistema educacional, mas garante que os resultados valem o esforço.

- É mais fácil se seguirmos o livro e fizermos aquela aula de sempre. Mudar dá um trabalhão, mas ver os alunos orgulhosos compensa. Quando eles se dão conta de que um produto totalmente feito por eles é admirado por outros colegas, sentem-se capazes de fazer qualquer coisa - conclui Argenid.

Começando do início

O desenho original do projeto Educomunicar previa o envolvimento de escolas situadas numa mesma região geográfica de Niterói, os bairros de São Francisco, Jurujuba e Charitas, na Zona Sul do município.

- Nossa idéia era beneficiar as escolas onde estudam os jovens atendidos por nós - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro. Situado em São Lourenço, na Zona Norte da cidade, o CEBRIC, portanto, não era alvo da formação de educomunicação montada pela ONG. A escola não foi envolvida nas discussões que antecederam a oficina, nem nas estratégias de sua divulgação. Argenid apareceu na segunda aula a convite de uma colega que participava do processo formativo, orientadora tecnológica em uma das outras escolas parceiras do Educomunicar.

No final da oficina, Argenid, como todas as outras participantes, viu-se diante do desafio de elaborar uma proposta que multiplicasse em sua escola os aprendizados por ela construídos.

- Cheguei a organizar um debate sobre o uso do vídeo com outros professores e a direção, mas não consegui ir além - explica Argenid. No papel de orientadora tecnológica, ela acredita que poderia "levantar a bandeira" da comunicação no CEBRIC. Como professora de sala de aula, no entanto, sua autonomia para desenvolver projetos fica restrita. - Em 2006, quando era OT e tinha acesso a todas as turmas, cheguei a fazer um número do jornal do CEBRIC com os alunos. Em 2007, só poderia continuar com essa atividade se o conjunto da escola comprasse a idéia - diz ela.

Para tirar proveito do conhecimento construído nas muitas capacitações das quais participou, Argenid propôs outro trabalho de comunicação a seus alunos. Enfrentou dificuldades e conta que procurou a diretoria algumas vezes. Primeiro, quando ainda planejava fazer um informativo *on-line*, reivindicou a manutenção do laboratório de informática. Não foi exatamente bem-sucedida (a manutenção veio, mas não a tempo de realizar o trabalho). Poderia ter desistido, mas preferiu reformular a proposta com os alunos. Depois voltou a procurar a direção para viabilizar as fotocópias dos fanzines e o material necessário à produção dos murais.

- O ideal seria ter um exemplar para cada um dos 1.100 alunos da escola. Não deu. Fizemos 110 cópias de cada fanzine. Foi o que deu com os recursos da escola, mas não dá pra reclamar. Tivemos apoio – diz a professora.

O esforço foi compensado pelo bom desempenho dos alunos e também pelo reconhecimento da escola. A partir do trabalho de Argenid, a princípio isolado, a escola pôde perceber a importância de incorporar ações comunicativas em seu cotidiano. A partir de 2008, os fanzines e os jornais murais serão uma atividade *da escola* e não apenas das turmas de Argenid.

- Criamos o projeto "Fala CEBRIC" na área de educomunicação - conta a professora, que agora vai aplicar o projeto junto a mais três turmas do ensino médio, além das duas que já foram envolvidas em 2007. O próximo desafio, segundo Argenid, é aplicar as metodologias educomunicativas em suas aulas de inglês e português. - Agora estou mais segura dos resultados e dos processos. A comunicação não pode ser vista como um "assessório", deve ser incorporada pelas disciplinas obrigatórias - diz ela.

Para a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, a história de Argenid é um exemplo de que mudanças institucionais podem, sim, começar de ações pontuais.

- É comum e legítimo culpar o sistema, a política, a falta de recursos pelos problemas da educação. Mas também é verdade que o professor, dentro do seu universo de sala de aula, pode começar a transformação que ele deseja - diz Regina.

A seu favor, Argenid tinha toda a capacitação "a mais" adquirida na passagem pelo cargo de orientadora tecnológica. Mas mesmo quem nunca recebeu uma formação específica pode e deve se aventurar.

- Eu não saí da oficina especialista em comunicação. Até hoje não sei diagramar jornal nem operar câmera de vídeo. O que mudou pra mim é que eu abri a cabeça para um monte de possibilidades. Depois, na hora de fazer os fanzines, por exemplo, eu saí novamente em busca de ajuda - conta Argenid.

Orientador tecnológico: problema ou solução?

No site oficial da Coordenação de Tecnologia Educacional (CTED), vinculada à Superintendência de Tecnologias da Informação da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, encontramos, já em 2007, o seguinte texto explicativo sobre a função do Orientador Tecnológico: "O OT é um professor da rede deslocado para coordenar e orientar a utilização dos recursos de Tecnologia Educacional disponíveis em sua escola. (...) A CTED entende que esta é uma função de caráter pedagógico e só professores devidamente capacitados devem exercê-la. Assim, todos os OTs da rede estadual têm sido capacitados em cursos de formação continuada, uns oferecidos pelo governo do estado e outros em parceria com o governo federal, para aprimorar cada vez mais seus desempenhos nesta tão importante função."

Os orientadores tecnológicos, no entanto, não existem na prática desde o dia 21 de março de 2007, quando o secretário estadual de Educação do Rio de Janeiro, Nelson Maculan, anunciou, em entrevista coletiva, que todos os professores deveriam voltar às salas de aula para cobrir o déficit de profissionais na rede estadual. Segundo dados da secretaria, seriam necessários mais 14 mil professores lecionando para garantir integralmente a carga horária das crianças, dos adolescentes e dos jovens matriculados na rede estadual.

Na outra ponta do problema, laboratórios de informática foram fechados (diretoras argumentam que não há quem se "responsabilize" por acompanhar os alunos em atividades de informática) e profissionais que passaram todo o ano de 2006 se capacitando para exercer a função de orientador tecnológico ficaram insatisfeitos. A professora do CEBRIC Argenid Sardella é um desses profissionais.

- Fiquei bastante desanimada. O governo gastou dinheiro comprando equipamentos, depois gastou mais recursos preparando profissionais para cuidar desses equipamentos e, de uma hora para outra, tudo muda, deixando todo esse material abandonado nas escolas - lamenta ela.

Em torno da função das "OTs" gira outra polêmica: seria necessário ou mesmo positivo designar um profissional exclusivamente para o trabalho com tecnologias de informação e comunicação nas escolas? O professor Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo, coordenador de uma pesquisa que introduziu no Brasil o conceito de educomunicação no fim dos anos 1990, acredita que sim.

- O educomunicador é um profissional com uma formação específica, capaz de gerenciar os processos de comunicação na escola mesmo que nem sempre esteja à frente dos projetos. É alguém que trabalhará direto com os alunos ou que ajudará os professores a fazer esse trabalho - explica ele.

Opondo-se a essa idéia, Márcia Correa e Castro afirma que "encarregar" um profissional da escola das ações relacionadas às novas tecnologias significa eximir os demais professores da necessidade de se apropriar dessas ferramentas.

- As tecnologias de informação e comunicação precisam ser incorporadas institucionalmente pela escola e pelo campo da educação, não por um único profissional – argumenta.

Considerando os pontos de vista divergentes, os orientadores tecnológicos podem ser um problema ou uma solução para as escolas públicas estaduais no Rio de Janeiro. Em Niterói, a coordenação de Informática Educativa da rede municipal de ensino vivenciou experiência semelhante.

- Durante os primeiros anos a partir da instalação dos laboratórios de informática nas escolas, tivemos o "professor da sala de informática", responsável por estimular e coordenar projetos que envolvessem o uso das tecnologias de informação e comunicação. Essas figuras foram extintas. Acreditamos que houve tempo para "plantar" nas escolas a cultura do uso da comunicação. Agora é preciso que os professores se mobilizem e utilizem essas tecnologias dentro do seu planejamento - diz a coordenadora de Informática Educativa do município, Adriana Neves.

Para a professora Argenid Sardella, do CEBRIC, a figura dos orientadores tecnológicos é uma demanda das escolas, pelo menos nesse primeiro momento.

- Muitos professores não sabem mexer em computador, nem em DVD, nem em aparelhos de som. Sem o apoio da "OT" eles não vão se mexer. Vão continuar no cuspe e giz - alerta ela. Ao lado de outras quase novecentas profissionais que vivenciam a mesma situação, Argenid integra um movimento que pretende repensar a questão dos orientadores tecnológicos. Elas montaram um grupo de discussão na internet por meio do qual trocam informações constantemente e chegaram a ter seis audiências com a Secretaria de Educação.

- Perdemos tempo e dinheiro, porque a gente ia lá, mas as decisões o governo tomava sozinho. Então desistimos - conta Argenid, ressaltando estar feliz, no entanto, usando a comunicação na sala de aula.

Para saber mais...

Manual do Fanzine. www.agenciaugauga.org.br/publicações

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil, adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998.

Coletânea multimídia cultura da Bahia - Design popular, guia de sugestões para o educador. Salvador: Cipó Comunicação Interativa, 2002.

LIRA, Júlio e RAVIOLO, Daniel. *A ética no jornalismo escolar*. Fortaleza: Comunicação e Cultura, 2000.

Revista Viração. www.revistaviracao.org.br. Revista eletrônica sobre comunicação e educação voltada para jovens. Descreve o projeto "Jornal Mural na Escola".

PRADO, Ricardo. *O muro da escola virou jornal*. Relato de uma experiência de jornal mural. Em: Nova Escola, edição 147, novembro de 2001. www.novaescola.abril.com.br (Procurar em "Índice", "Projetos Didáticos").

Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto

Contatos: Argenid Sardella
Rua Professora Emilce s/n
São Lourenço - Niterói - RJ
Telefone: (21) 2717-5068

Dicas sobre fanzine e jornal mural

Atividades

O que é um fanzine ?

O fanzine era uma publicação de apaixonados por um assunto especifico. O nome da publicação é a junção da palavra fã (aficionado) e *magazine* (revista em inglês). Geralmente não tem periodicidade e é editado com poucos recursos financeiros. Qualquer pessoa com uma caneta, papel, cola, alguns recortes, imaginação, vontade e o equivalente em dinheiro ao valor de um refrigerante para pagar as cópias, pode editar seu próprio fanzine.

O primeiro fanzine, *Amazing Stories*, foi lançado em 1926 por Hugo Gernsback, com publicações de histórias inéditas de ficção científica. Mas o fanzine ganhou mais força entre as décadas de 1950 e 1960, durante os festivais de rock. Os fãs produziam pequenas revistas para a troca de informações sobre seus ídolos. Com o tempo, transformou-se em publicação de imprensa alternativa, produzida artesanalmente, quase sempre por jovens.

Dicas para um fanzine legal

• Envolva a comunidade escolar na escolha do nome do fanzine. Selecione algumas propostas na turma e divulgue-as no primeiro número da publicação. Disponibilize uma urna em espaço de grande circulação da escola para que alunos, professores e funcionários votem no nome que preferem.

• Uma forma de tornar a "cara" do fanzine mais atraente é fotocopiá-lo em ofício colorido (amarelo, azul, verde, rosa).

• Se a escola costuma produzir suas fotocópias com uma determinada empresa, não custa nada tentar um patrocínio junto a ela para produção dos fanzines. Pode também ser um desconto.

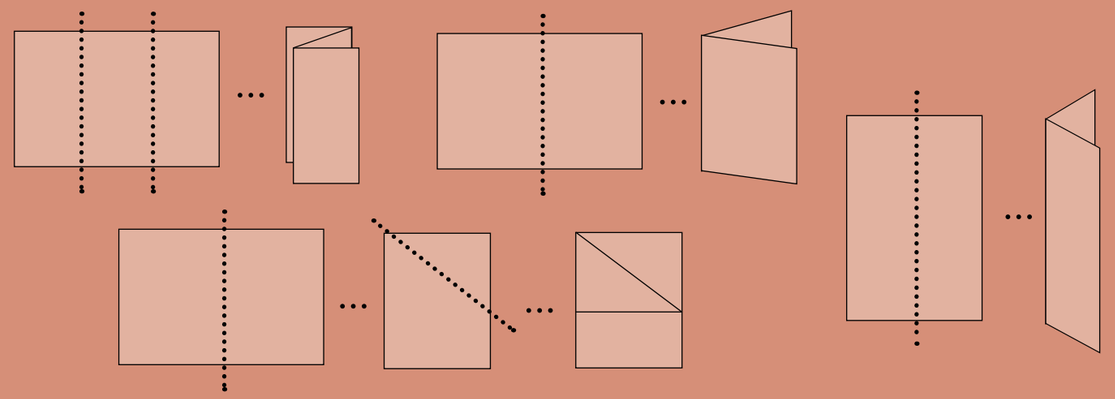
Dicas para um jornal mural legal

• Deixe um espaço no mural para o público registrar suas opiniões e crie um jornal mural interativo. Disponibilize percevejos (podem estar fixados no próprio mural), papel (as folhas podem estar acondicionadas num envelope também preso no mural) e caneta (amarre uma ao mural ou à parede com fio de nylon).

• Inove nos materiais. Use folhas secas, retalhos de pano, pedaços de plástico, metal e bolas de gás na produção do jornal.

• Os textos precisam ser apresentados em letras grandes. Se forem impressos, podem ser ampliados para que sejam lidos a boa distância, sem dificuldade. É importante levar em conta que o leitor vai ler o texto a aproximadamente uns 50 centímetros de distância do jornal. Os títulos das notícias também devem ser feitos com letras grandes e coloridas. O corpo do mural pode contar com tarjas e separadores coloridos, títulos chamativos e curiosos. Procure usar também fundos em cor para destacar determinadas informações.

Diferentes exemplos de dobradura de papel para formatar um fanzine



Ciclos educativos, reagrupamentos comunicativos

Site, jornal, vídeo e rádio com alunos do ensino fundamental

Nome: Escola Municipal Professora Lúcia Maria Silveira da Rocha
Localização: Bairro de Jurujuba, Niterói, RJ
Ano de fundação: 2005
Número de alunos: 300
Segmentos: Educação Infantil e dois primeiros ciclos da Educação Fundamental

Os barcos pesqueiros espalhados pela areia da pequena praia, as redes de pesca entre árvores e pedras, pescadores se preparando para mais um dia de trabalho no mar, enquanto crianças uniformizadas caminham em direção à Escola Municipal Professora Lúcia Maria Silveira da Rocha. Começa o dia na colônia de pesca de Jurujuba.

A escola existe há pouco tempo, e sua fundação é uma resposta a reivindicações da comunidade em que ela está inserida.

- Aqui a população é muito mobilizada. Eles têm associação de mulheres, de maricultores, de moradores. Pais, mães e toda a população participam das atividades que realizamos - afirma Cláudia Souza, diretora-adjunta.

Na Escola Municipal Lúcia Maria, as crianças confirmam o interesse das novas gerações pelas tecnologias de comunicação. Estudante do segundo ciclo do ensino fundamental, Fabíola Santos, de 10 anos, "adora" a internet.

- Eu pesquiso para os trabalhos da escola, olho as comunidades do Orkut e converso com meus amigos no MSN - diz a menina.

Aluno da mesma turma, Rafael Avendana prefere os jogos.

- Tem mais emoção - diz ele.

Como explica a diretora-geral, Greice Mara Monteiro, a escola decidiu aproveitar esse interesse na rotina escolar.

- A vida das crianças é completamente diferente da vida de quinze anos atrás. Se a gente não correr, a escola fica pra trás. A gente procurou colocar aqui na escola coisas que eles vêem lá fora: informática, televisão, jornal, rádio - explica Greice.

Para incorporar os meios de comunicação às práticas escolares, em lugar de ignorá-los, foi necessário que diretoras, professoras e orientadoras pedagógicas aprendessem mais sobre essas tecnologias. Com essa intenção, a escola designou a supervisora Cláudia Cavalcante para participar da oficina promovida pelo projeto Educomunicar em 2006. As reflexões de cada aula eram compartilhadas com a equipe durante as reuniões pedagógicas semanais. Além disso, os textos distribuídos na oficina ministrada pela Bem TV eram fotocopiados e disponibilizados na sala dos professores.

A multiplicação do conhecimento gerou várias propostas diferentes de apropriação pedagógica da comunicação. Foi implantada uma rádio escolar e foram produzidos um vídeo e um sítio eletrônico. O jornal semestral que já existia foi reformulado, incorporando a participação dos alunos.

Hoje, as novas atividades são aplicadas principalmente nas turmas de reagrupamento, que surgiram com a implementação dos ciclos na rede municipal de educação, em que as turmas passam a se organizar por idades e não pelo tempo de escolaridade dos alunos. Dessa forma, as turmas reúnem no mesmo grupo alunos que estão na segunda etapa da alfabetização e outros que ainda iniciam a apropriação da leitura e da escrita. Para apoiar o desenvolvimento dos estudantes, foram organizadas turmas de reagrupamento, que aglutinam as crianças de acordo com interesses específicos ou por nível de desenvolvimento. Na Lúcia Maria, há turmas responsáveis pela rádio, pelo jornal e pelo site.

- No ano passado [2006], tentamos envolver todos os professores nos projetos de comunicação, mas este ano, como a proposta pedagógica se baseia nos reagrupamentos, fizemos a opção de dividir os projetos em equipes. Embora todos participem, temos uma turma e uma professora responsável por cada projeto - conta Cláudia Souza.

Como começar a trabalhar com comunicação? Como enfrentar as dificuldades do cotidiano escolar? Para a diretora geral e para a diretora adjunta, o segredo é ter vontade de fazer, não ter medo de arriscar e procurar parceiros dentro e fora da escola.

Nas ondas da Rádio Criança

Quando descobriu, em 2006, que uma mesa de áudio de quatro canais custava (na época) só 300 reais, a diretora Greice Mara decidiu que a E.M. Lúcia Maria teria uma rádio. Antes do ano acabar, o equipamento estava comprado, com recursos arrecadados durante uma festa junina, e caixas de ovos foram usadas para fazer o isolamento acústico que transformou um pequeno banheiro em estúdio.

- Quando começamos a instalação percebemos que havíamos esquecido os cabos de conexão. A gente é leigo, né? Mas a prefeitura financiou o que faltava e complementou a compra das caixas de som para que todas as salas de aula tivessem acesso à rádio – conta Greice. O mais difícil, segundo ela, foi discutir com os professores como a rádio poderia contribuir para o processo de ensino e aprendizagem e, em seguida, ensiná-los a mexer com os equipamentos.

Mais uma vez, a solução foi buscar parceiros. Um acordo com a rádio comunitária Pop Goiaba, de Niterói, desmistificou para os professores a operação das máquinas.

- É do nosso interesse que rádios comunitárias e escolares proliferem no país - conta Daniel Vidal, que ministrou quatro horas de oficina para a equipe do Lúcia Maria.

Na semana seguinte, durante a reunião pedagógica semanal da escola, a Bem TV ajudou os professores a refletir sobre os possíveis usos pedagógicos da rádio.

- Agora percebo várias possibilidades. A rádio pode nos ajudar a trabalhar os conteúdos e é uma ótima ferramenta de incentivo à leitura - diz Karina Gomes, professora responsável pela turma de reagrupamento produtora da rádio. – É difícil, porque é algo novo, mas estamos tentando. As crianças estão fascinadas e agora conversamos sobre o que poderemos produzir aqui na escola.

São crianças de 6 a 10 anos, algumas que já sabem ler e escrever. Foram reunidas no mesmo grupo em função de características comuns.

- Gostam muito de falar, são animadas e se entusiasmaram pela idéia da rádio - explica a diretora-adjunta.

Às terças-feiras, os alunos se reúnem. Entre as 15 e as 16 horas, eles colocam a rádio no ar, e, das 16 às 17 horas, discutem a programação da semana seguinte.

- Atenção, atenção: está no ar a Rádio Criança! - anunciou Júlio César, de 7 anos, no programa de estréia. - Quem está me escutando? - perguntou ao microfone. Nas salas de aula, onde estão instaladas caixas de som, os alunos escutavam o programa, que inclui concurso de piadas, charadas e brincadeiras de "complete a música".

- Por enquanto a rádio está sendo um espaço para as brincadeiras e jogos, depois pretendemos aprofundar as atividades pedagógicas e envolver os demais professores na ocupação desse espaço - ressalta Karina.

Os alunos gostaram da novidade. Ana Luíza tem 6 anos e faz parte da equipe da Rádio Criança.

- A rádio serve pro pessoal se comunicar, saber das notícias, ouvir músicas – diz.

Antes de terminar a frase, ela é interrompida por Renan, de 7 anos:

- E pra brincar!

- E o que a gente precisa para fazer um programa de rádio? - perguntamos à turma.

Robson, de 10 anos, é rápido na resposta:

-É só não ter vergonha!

O espaço escolar no mundo virtual

Na sala dos professores da E. M. Lúcia Maria um cartaz impresso em papel A4 anuncia: "A Escola Lúcia Maria agora é chique. Tome nota do endereço do nosso site: http://emplmsr.multiply.com." Foi a partir da oficina do projeto Educomunicar que as professoras decidiram criar o sítio eletrônico, utilizando-se de softwares disponíveis na internet que viabilizam a publicação de páginas sem a necessidade de programação.

- A idéia surgiu com a Bem TV, na oficina. Quando a gente viu que não era difícil, explicamos para as professoras e o site foi sendo construído com a ajuda das crianças, como atividade integrada ao planejamento pedagógico - explica Greice.

Na página de abertura, um texto dá informações básicas sobre a instituição, como endereço e data de fundação. Alunos, pais e equipe pedagógica têm acesso ao calendário de eventos e podem visitar o "Álbum de Recordações", em que fotos antigas e atuais contam a história da escola. Para quem gosta de interatividade, há também o "Livro de Visitantes", no qual os internautas podem deixar seu recado. O sítio também dá acessos a blogs produzidos pelos estudantes.

"Lê o meu jornal!": o Marisco Falante

Marisco Falante foi o nome escolhido para o jornal da E. M. Lúcia Maria, por meio de votação entre alunos, professores e funcionários. Existem dois números em versão impressa e o terceiro será feito em formato digital.

- A impressão torna o processo mais caro e difícil - explica Greice Mara.

Quando surgiu, o jornal destinava-se à divulgação das ações da escola e era fundamentalmente produzido por professores. A partir da segunda edição, a proposta foi reformulada, incorporando os alunos como autores.

Para iniciar a produção participativa do *Marisco Falante*, os professores desenvolveram atividades específicas, refletindo com as crianças sobre o papel e a linguagem da mídia impressa. Em sala de aula, analisaram diferentes periódicos e definiram os temas a abordar e as seções que o jornal deveria ter.

- Como era fim de ano, falamos sobre o Natal - conta a diretora da escola.

Cada professor fez da produção do jornal um exercício dentro de seu conteúdo programático.

- Uma turma ficou responsável por receitas, outra procurou os diferentes significados do Natal, outra trabalhou sobre a programação das festas - explica Greice, acrescentando que, sabendo que os textos seriam divulgados, as crianças se preocupavam com a qualidade. - Ganhamos um "gancho" para explicar como o processo de comunicação é falho se existem erros na linguagem - diz a diretora.

Cada turma elegeu em sala o texto a ser publicado, que foi encaminhado para a secretaria da escola e digitado. Sem um programa específico de diagramação, os alunos e professores montaram uma espécie de "quebra-cabeça". Primeiro forraram um jornal no formato tablóide (21 cm x 30 cm) com papel pardo e, por cima, colaram os textos (impressos a partir do computador), as ilustrações e fotografias.

- A gente ia encaixando o material produzido por cada professora e, assim, diagramamos o nosso jornal com tesoura e cola mesmo - descreve Cláudia Souza.

A arte-final foi encaminhada à Secretaria Municipal de Educação, servindo de modelo para que os textos fossem diagramados no computador e enviados à impressão.

A Secretaria de Educação, no entanto, fotocopiou os números do jornal em folhas tamanho A4. De acordo com Adriana Neves, coordenadora de Informática Educativa, seria impossível garantir ao conjunto de unidades de ensino da rede municipal a impressão de um jornal em formato tablóide.

- Se alguma outra escola resolvesse também fazer um jornal, não teríamos como justificar que só a Lúcia Maria poderia imprimir dessa forma - explica Adriana.

Mas, apesar da decepção com a cara final da publicação, quando ela foi distribuída durante a festa de fim de ano da escola, foi possível verificar o quanto essa experiência melhorou a auto-estima da comunidade escolar.

- Os alunos ficaram muito orgulhosos! No dia da festa de encerramento, foram eles que entregaram e divulgaram os jornais: "Lê o meu jornal!", "Olha o meu jornal!" - conta a diretora da escola.

Histórias de pescador: uma vídeo-entrevista

Depois do sítio eletrônico e do jornal, os alunos da E. M. Lúcia Maria puderam experimentar a linguagem audiovisual. As turmas do terceiro e do quarto ano do ensino fundamental, comandadas pela professora Eliane Vale, produziram um vídeo como conclusão de um trabalho integrado sobre profissões e sobre a comunidade do entorno da escola. Como essa comunidade é uma colônia de pesca, tornou-se necessário pesquisar o ofício do pescador. Decidiram, então, gravar uma entrevista em vídeo.

Para criar familiaridade com os códigos visuais, o primeiro passo foi envolver as crianças na produção de fotografias. Com câmeras digitais na mão, os alunos fotografaram a colônia de pesca de Jurujuba: árvores, pedras, barcos, ondas do mar. As fotos foram arquivadas nos computadores do laboratório de informática e depois publicadas no sítio eletrônico da escola. A seguir, os alunos elaboram pequenos textos descritivos (legendas) sobre as imagens fotografadas.

Para fazer o vídeo, a professora Eliane e seus alunos discutiram o processo de realização.

- Primeiro, fizemos um roteiro de entrevistas, depois, vimos que seria necessário definirmos uma equipe: cinegrafistas, repórteres, produtores. Para entrevistados, convidamos quatro pescadores da comunidade de Jurujuba, que foram muito simpáticos e interagiram muito bem com as crianças – lembra Elaine.

Apesar da timidez inicial – expressa com risinhos nervosos e falatório –, a reportagem contou com uma equipe concentrada e séria.

- Os alunos se sentiram muito importantes. Quando falamos que iam gravar um vídeo, acharam que ia ser com uma câmera caseira. Quando viram aquele equipamento [câmera mini-DV, luz e microfone] ficaram muito impactados - diz Greice.

O material foi editado na sede da Bem TV, já que nem a escola, nem a Secretaria Municipal de Educação possuem os equipamentos para isso.

- Foi uma limpeza, na verdade. Preservamos ao máximo o que os alunos produziram, retirando apenas "tremidas" da câmera ou falhas mais visíveis do entrevistador, que se saiu muito bem, aliás - conta Daniela Araújo, funcionária da Bem TV que também assessorou o grupo de estudantes no dia da gravação.

A entrevista de cerca de quinze minutos foi exibida na escola, empolgando a platéia formada por alunos, professores e membros da comunidade.

- A escola precisa estar aberta para essas possibilidades de parceria que viabilizam recursos que a princípio não estão ao alcance da escola. Dá trabalho, são culturas institucionais diferentes, mas os resultados são ótimos - afirma Greice.

Dicas sobre rádio

Para saber mais...

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. *Na boca do rádio*. São Paulo: Hucitec, 2007.
ORTRIWANO, Gisela Svetlana. *A informação no rádio*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em rádio*. São Paulo: Editora Paulinas, 2003.
BREVE, Nélson; DIAS, Lia Ribeiro e COUTO, Verônica. *O drama sem fim das rádios comunitárias*. Em: *A rede: tecnologia para inclusão social*. São Paulo, número 19, pp. 11-19, outubro de 2006.
Núcleo de Comunicação e Educação da USP. www.usp.br/nce

Equipamentos necessários à montagem de uma rádio escolar

Para veiculação dos programas através de caixa de som ao vivo:

- pelo menos 2 microfones
- CD player (pode ser um *discman*)
- Mesa de som de pelo menos 4 canais (cada canal é conectado a um elemento: os microfones, o CD player, o MP3... Na hora do programa é só subir o som dos elementos que estão sendo usados, baixando o volume dos outros).
- Caixas de som em número suficiente para viabilizar o acesso à programação nos espaços da escola em que isso seja desejado: salas de aula, pátio, sala de leitura...
- Amplificador
- Cabos e conexões
- Aparelho MP3 (para viabilizar gravações de entrevistas fora do "estúdio" – é opcional)

Para viabilizar a gravação prévia de alguns dos programas acrescentar:

- Computador equipado com gravador de CD ou DVD
- Software para gravação e edição de áudio (há vários disponíveis para download gratuito no site www.baixaki.com.br)

Atividades

Onde obter programas para usar em sala de aula...

- Núcleo SESC de rádio educativa. Produz e distribui o programa *Sintonia SESC-SENAC*. Telefone (ligação gratuita) 0800-230220 ou e-mail: radio@sescsenac.org.br.
- Criar Brasil (ONG) – Rua Teotônio Regadas, 26/403 – Lapa – 20031-060, Rio de Janeiro. Tel.: (21)2242-8671 ou e-mail: contato@criarbrasil.org.br.

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
Recreio	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Hora da saída	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Reprise do programa mais votado pelos alunos.

Exemplo de grade de programação

Experiências de rádio escolar bem-sucedidas apontam duas necessidades: os alunos devem estar envolvidos na produção e os programas devem ser ouvidos pelo maior número de pessoas dentro das escolas. Por isso, momentos em que todas as turmas estão reunidas em determinados espaços da escola devem ser aproveitados, como a saída e o recreio. Crianças e jovens podem estar desatentos nesses momentos. Não há problema. Estamos acostumados a ouvir rádio enquanto fazemos outras coisas. De qualquer forma, cada escola deve identificar o melhor uso dessa ferramenta dentro de seu próprio contexto.

Exemplo de roteiro de programa

VINHETA DE ABERTURA – 20”
Locutor 1 – Olá, eu sou ( )
Locutor 2 – e eu ( ) (Bom dia)!
Locutor 1 – O Boletim Informativo Ondas do Rádio começa agora!
SOBE SOM (Música de fundo) – 5”
BAIXA SOM (Música de fundo)
Locutor 2 – Hoje é (data). Começamos este boletim com a entrevista com (NOME/OCUPAÇAO/ENTIDADE QUE REPRESENTA) que falou sobre (ASSUNTO)
Locutor 1 – Vamos então à entrevista.
SAI BG (Música de fundo)
(Entra entrevista feita ao vivo no estúdio ou gravada por algum aluno previamente com um MP3. No estúdio a entrevista pode ser feita pelos dois locutores) – Tempo: 3’
Locutor 2 – E agora nossa dica cultural!
SOBE SOM – 5”
BAIXA SOM
Locutor 1 – (Lê a dica cultural) – tempo – 20 a 30”
SAI BG
Locutor 2 – E agora um giro de notícias sobre o que de melhor aconteceu no (EVENTO)
Locutor 1 – Lê notícia ou entra matéria gravada previamente. – 1’
VINHETA DE ENCERRAMENTO – 10”
Locutor 1 – É isso aí, o Informativo Ondas do Rádio termina por aqui.
Locutor 2 – Na sonoplastia ( ), produção ( ), reportagem ( ), locução e apresentação ( )
Locutor 1 – Um abraço e até a próxima.

Equipe: 2 locutores, 1 repórter (se houver a disponibilidade de usar um MP3), 1 produtor (marca as entrevistas, pesquisa informações), 1 redator (dos textos), 1 sonoplasta (escolhe as músicas de fundo e opera os equipamentos). As tarefas podem ser divididas entre os alunos de um mesmo grupo. A cada programa (semanal ou quinzenal) há rodízio das funções.

Escola Municipal Lúcia Maria Silveira da Rocha

Contatos: Greice Mara (diretora)
Telefone: 21 – 3701-3707
Rua Carlos Ermelindo Marins, 34, Jurujuba, Niterói
slucia_silveira@educacao.niteroi.rj.gov.br

Juventude, vídeo e internet

Experiências com alunos do ensino fundamental e do ensino médio

Nome: Colégio Estadual Fernando Magalhães
Localização: Bairro de Jurujuba, Niterói, RJ
Ano de fundação: 1945
Número de alunos: 1.080
Séries: 1º ao 9º ano (ensino regular e EJA) e ensino médio

Laboratório de informática com 16 computadores conectados à internet; câmera de vídeo; máquina fotográfica digital; projetor; aparelhos de TV, vídeo e DVD.

- A nossa escola está muito bem equipada - elogia a professora Maria Aparecida de Carvalho, responsável pelo laboratório de informática do Colégio Estadual Fernando Magalhães. Ao lado de outras quatro profissionais, ela participou da oficina de mídia do projeto Educomunicar. - Aprendemos a tirar mais proveito de todos esses equipamentos - diz Aparecida, ressaltando que nem todos os recursos materiais da escola foram comprados pelo estado. -Aqui, quando precisamos de alguma coisa fazemos festas, bingos, pedimos doações... A gente dá um jeito e os alunos não deixam de ter acesso a nada.

No Fernando Magalhães, a principal ação de desdobramento da oficina do Educomunicar aconteceu no período de reciclagem, em fevereiro de 2007. Foram realizados dois encontros, cada um com cinco horas de duração. Em um deles, 13 professores aprenderam a realizar vídeos com os alunos. As professoras do Fernando Magalhães mais uma vez contaram com a ajuda da Bem TV para uma exposição inicial.

- Depois, desenvolvemos com os professores um exercício de produção de vídeo que eles poderiam repetir com os alunos em sala de aula - explica a professora Marineuza Espírito Santo, outra profissional da escola que participou da capacitação inicial do Educomunicar.

Segundo ela, a idéia inicial era falar sobre técnicas de debate a partir da exibição de vídeos, já que a produção com alunos ainda não é usual na escola, mas decidiram investir na produção justamente para mudar esse cenário.

- Ainda tem resistência na escola em colocar os equipamentos na mão dos alunos. Dá pra entender. Se quebrar vai ser difícil consertar. Mas, se o equipamento está na escola, tem que ter uma função pedagógica. Então a gente fez a oficina de produção para estimular os professores a demandar esse tipo de uso da câmera à direção - diz Marineuza, ressaltando que na capacitação dos professores foi utilizado o equipamento da escola.

Num segundo encontro, 15 docentes foram orientados sobre a produção de jornais escolares.

- Pedimos à Bem TV para fazer uma palestra inicial, explicando todo o processo, da reunião de pauta à distribuição do jornal. Depois ensinamos os professores a diagramar textos usando os softwares disponíveis na escola - conta Marineuza.

Para Olívia Bandeira de Melo, coordenadora de projetos da Bem TV, responsável pela fala de abertura da capacitação, a experiência foi positiva.

- No final os professores estavam superempolgados. Sempre falam do desânimo desses profissionais, mas é só oferecer estímulo, basta eles sentirem que têm apoio para que eles se animem. Nesse dia, o encontro era para acabar às 17 horas, e eu só consegui sair de lá uma hora e meia depois - conta Olívia.

Fazendo um balanço dos dois momentos de capacitação, Marineuza e Aparecida avaliam que o principal resultado foi a mobilização dos professores.

- Novas idéias sempre ajudam. O pessoal saiu animado para desenvolver projetos de comunicação - conta Marineuza.

Entre os "animados" está a professora de língua portuguesa Erli Sá dos Santos, que entrou no Colégio Fernando Magalhães em 2007. Ela participou da oficina de produção de vídeo e decidiu levar o que aprendeu para a sala de aula.

Diversidade e linguagem audiovisual

Todo ano acontece no C. E. Fernando Magalhães a Feira Multidisciplinar, ou FEMULTI, como é conhecida. O evento já faz parte do calendário de atividades da comunidade. Alunos e familiares não faltam, e mesmo quem não tem filhos matriculados no colégio costuma prestigiar a feira, que reúne exposição, apresentações de teatro, dança e música. Cada turma da escola, com ajuda de um ou mais professores, fica responsável por idealizar e produzir o que vai apresentar na FEMULTI, tendo como ponto de partida um tema gerador. Em 2007 o tema foi "Unidade na Diversidade" e a professora Erli Sá sugeriu a seus alunos o uso da linguagem audiovisual.

- Os alunos da sexta série [atual sétimo ano] produziram vários textos sobre o tema da feira em formato de cordel. Discutimos a exclusão, o preconceito contra negros, homossexuais, prostitutas, pobres... A partir dos textos, selecionamos em revistas e jornais imagens e manchetes que tinham relação com os textos. Depois disso, unimos imagem e texto para a construção de um vídeo bem simples - conta a professora.

A câmera foi posta num tripé e apontada para uma mesa. Enquanto um aluno lia o cordel, outro ia colocando as imagens na frente câmera. Colocaram também uma música tocando no fundo.

- Quem operou a câmera foi a Aparecida [professora responsável pelo laboratório de informática]. Não precisou de edição. Montamos uma seqüência narrativa clara o suficiente para que as pessoas entendessem - explica a professora, e acrescenta a reação dos alunos: - Eles gostaram dessa primeira experiência e se engajaram bastante. Tivemos problemas com o áudio e algumas falhas técnicas, mas é assim mesmo, não é? - indaga Erli, completando que os erros vão ajudá-la a planejar novos projetos no futuro.

Juventudes, culturas e blog

Mesmo sem ter participado da oficina de multiplicação ocorrida no início do ano, a professora de sociologia e história Lyse Kitzinger manifestou interesse em trabalhar comunicação com seus alunos.

- Eu não sei nada de internet, de vídeo, de computadores, mas acho importante o uso desses meios para registrar o trabalho e as discussões que acontecem em sala de aula - diz ela.

Em 2007, ela realizou com os estudantes uma pesquisa sobre a juventude no bairro de Jurujuba. Fizeram entrevistas, fotografaram e identificaram as diferentes "tribos" presentes no bairro.

A aluna Camila Martins Nunes, do 3° ano do ensino médio, exemplifica:

- Meu grupo analisou as diferentes religiões que existem na comunidade. Eu fiz uma pesquisa sobre a Igreja Universal, que tem muitos freqüentadores em Jurujuba - diz ela.

Também foram coletados dados sobre os surfistas, skatistas, adeptos do hip hop e outras tribos. Surgiu então a necessidade de sistematizar e dar visibilidade a todas as informações que os alunos reuniram. Alunos e professora decidiram produzir um blog na internet (www.galeradejurujuba.blogspot.com).

Os equipamentos não seriam problema, afinal, o laboratório de informática estava ali para isso mesmo. A dificuldade era viabilizar a construção do blog pelos próprios alunos.

- Só assim faria sentido - afirma a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, e complementa: - No caso do Fernando Magalhães, as professoras que fizeram a oficina do projeto poderiam fazer o blog, mas aí os alunos não teriam a oportunidade de rever e sistematizar tudo o que haviam pesquisado.

Para concretizar a idéia, uma das aulas de Lyse foi transformada em coordenadora do blog. A coordenadora de projetos da Bem TV, Olívia Bandeira de Melo, foi encarregada de capacitar os jovens. Ela acredita, no entanto, que isso poderia ter sido feito pela própria professora.

- Nesse caso, como a Bem TV estava muito envolvida, acabou sendo mais cômodo contar com o nosso apoio. Mas ninguém precisa de uma "ONG parceira" para viabilizar uma oficina de blog. Existem muitos sites na internet que nos orientam passo a passo. É só o professor se preparar antes - garante Olívia.

Também aluno do 3º ano do ensino médio, Igor Ximenes gostou da experiência.

- Achei bem legal. O blog é uma saída estratégica e barata para a gente dar visibilidade aos nossos trabalhos da escola. Também foi legal porque aprendemos a localizar outros blogs na internet que abordavam temas semelhantes àqueles que nós pesquisamos. Visitamos, comentamos, eles ficaram sabendo da gente também. Assim os jovens vão formando uma rede - comenta ele.

Sem perceber, Igor identifica uma das principais vantagens dos projetos de comunicação na escola: o surgimento de novas redes. Os produtos de comunicação dão visibilidade interna e externamente ao conhecimento construído na escola. O previsível é que haja resposta, por parte da comunidade, por parte das famílias... No caso do Fernando Magalhães, a previsão foi superada. Os blogs conectaram jovens de diferentes partes do país, que puderam trocar informações pertinentes a seus processos de ensino e aprendizagem.

- Obviamente, o conflito também está previsto nesse processo - alerta a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro. - A disseminação da produção dos alunos pode implicar na visibilidade das queixas ou reivindicações dos estudantes. Alguns conteúdos podem desagradar a Associação de Moradores ou alguns pais, por exemplo - exemplifica ela, lembrando que tais situações são ótimas oportunidades para trabalhar a ética. - Uma boa idéia é tirar proveito do "direito de resposta" comum nos veículos de comunicação. A parte incomodada pode ganhar espaço para responder as críticas no mesmo veículo - sugere.

Dicas sobre vídeo

Atividades

Você Decide

Será necessário exibir um vídeo que tenha linguagem ficcional ou um documentário que apresente um impasse em algum momento da narrativa. O vídeo deve ser exibido até esse ponto, quando então o professor interrompe a exibição. A partir daí a turma é convidada a imaginar o desfecho da cena ou da história. Isso pode ser feito em grupos ou coletivamente. Ao final são apresentados os finais idealizados. O professor então exibe o desfecho do audiovisual. Compare com os alunos o desfecho do vídeo com aqueles propostos pela turma. Analise as diferenças e as semelhanças e o que as motivou.

Demandas materiais: vídeo ou DVD, TV, caixa de som conectada ao DVD (opcional ou necessário se a sala for muito grande), peça audiovisual relacionada ao tema que se quer discutir.

Produção de minivídeo

A turma deve ser envolvida numa discussão sobre algum tema específico. Para sistematizar os conteúdos e conhecimentos que trocaram entre si e com o professor, os alunos serão convidados a produzir uma peça audiovisual entre 1 e 3 minutos. Todos que já viram um comercial de televisão saberão intuitivamente como proceder. A turma pode ser dividida em grupos de até 5 pessoas. Estes deverão imaginar o roteiro do "minivídeo", definindo previamente algumas questões: 1) Com quem gostariam de falar? (quem é o público); 2) O que gostariam de dizer para esse público?; 3) Qual a forma mais eficiente de conseguir transmitir esse recado para esse público?

A elaboração do roteiro é a etapa mais importante. É bom deixar jornais, livros e revistas disponíveis para consulta. A produção do roteiro pode ser precedida por uma visita ao laboratório de informática ou à biblioteca. Feito o roteiro, é hora da gravação, que pode ser marcada para a aula seguinte. Se for assim, os alunos podem incrementar a produção providenciando figurinos, objetos de cena... O professor (ou um aluno) opera a câmera. Cada grupo orienta o "câmera" sobre o que e como gravar. As cenas devem ser registradas na ordem em que devem ser exibidas, já que não haverá edição. No final, todos assistem a todos os "minivídeos" e discutem o que funcionou, o que não funcionou e por quê.

OBS.: Esse foi o exercício realizado com os alunos do C. E. Fernando Magalhães. Se houver a possibilidade de fazer uma edição, será possível "limpar" erros e acrescentar créditos e trilha sonora. Mas isso não é uma necessidade.

Demandas materiais: vídeo ou DVD, TV, caixa de som conectada ao DVD (opcional ou necessário se a sala for muito grande), câmera de vídeo, microfone (opcional), tripé (opcional), jornais, revistas, livros. Peças de figurino e objetos de cena.

Para saber mais...

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. Traz a história do cinema, da TV e do vídeo e o impacto desses meios em nossa sociedade.

SARAIVA, Leandro e CANNITO, Newton. *Manual de roteiro ou Manuel - O primo pobre dos manuais de cinema e TV*. São Paulo: Conrad Editora, 2004. Manual prático de produção de vídeo, TV e cinema.

CECCON, Claudius e PAIVA, Jane. *Bem pra lá do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Cecip, 2000. Descreve uma experiência bem-sucedida de uso do vídeo em um projeto de educação ambiental na comunidade de Rancho Fundo, na Baixada Fluminense.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de Sousa Miguel (org.). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Apresenta títulos de cinema que podem ser usados em sala de aula, com orientação para discussão. *Billy Eliot*, *Central do Brasil*, *Bicho de sete cabeças* e *O carteiro e o poeta* são alguns dos títulos comentados.

SOARES, Mariza de Carvalho e FERREIRA, Jorge. *A história vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Sugere títulos da filmografia nacional para serem trabalhados em aulas de história. (Ex.: *Canudos*, *Xica da Silva*, *Memórias do cárcere*, *O quatrilho*, entre outros).

Onde obter programas para usar em sala de aula

• VídeoSaúde, Distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz – Av. Brasil, 4.036, Manguinhos, Rio de Janeiro. CEP 21.040-361. Telefone (21) 3882-9109 ou 9110 ou através do e-mail: videosaude@cict.fiocruz.br. Disponibiliza para escolas um acervo de mais de 2 mil títulos de vídeos educativos, sobretudo nas áreas de saúde, meio ambiente, ciência e tecnologia. O solicitante arca com a mídia (DVD ou fita VHS) e com os custos de correio, se for necessário. O catálogo está disponível na internet: www.fiocruz.br.

• YouTube – www.youtube.com – Principal site de hospedagem de audiovisuais na Internet. Coloque "vídeos educativos" na ferramenta de busca e você terá acesso a títulos educativos. Para assistir com os alunos no laboratório de informática. Há a possibilidade de postar comentários depois e de acessar os comentários de outras pessoas sobre o vídeo.

• Domínio Público (Portal de Acesso Livre da Capes) – www.dominiopublico.gov.br – Disponibiliza, além de vídeos, músicas, textos e imagens que podem ser gravados e utilizados livremente. Para gravar, é preciso acessar o site de um computador com gravador de DVD. Depois de fazer o download do arquivo é só passa-lo para a mídia.

Colégio Estadual Fernando Magalhães

Contatos: Beatriz Trezzi, Marineuza Espírito Santo, Maria Aparecida Carvalho
Av. Carlos Ermelindo Marins, 50, Jurujuba, Niterói
Telefone: (21) 2711-3566